

MARCOS ANTONIO LUCCI

A REPRESENTAÇÃO SOCIAL SOBRE O DIPLOMA
UNIVERSITÁRIO: UM ESTUDO COM ALUNOS DOS
CURSOS DE LICENCIATURA DE UMA FACULDADE
PARTICULAR, NOTURNA, DA CIDADE DE SÃO PAULO

MESTRADO EM PSICOLOGIA DA EDUCAÇÃO

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
2000

MARCOS ANTONIO LUCCI

A REPRESENTAÇÃO SOCIAL SOBRE O DIPLOMA
UNIVERSITÁRIO: UM ESTUDO COM ALUNOS DOS
CURSOS DE LICENCIATURA DE UMA FACULDADE
PARTICULAR, NOTURNA, DA CIDADE DE SÃO PAULO

Dissertação apresentada à Banca
Examinadora da Pontifícia Universide
dade Católica de São Paulo, como
exigência parcial para a obtenção
do título de Mestre em Psicologia
da Educação, sob orientação da
Prof^a. Dr.^a Maria Laura Puglisi
Barbosa Franco.

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
2000

Imagens

*Não as vejo a olhos nu,
mas sei que estão sempre presentes
em meus atos e sentimentos,
desejos e fantasias,
nas ações e reações,
pensamentos e delírios.
São pontos de chegada e de partida,
que mudam quando as mudo e,
que mudam o meu mundo.
São meus saberes e meus querereres,
são minhas representações.*

(M.Lucci - abr/2000)

Dedico este trabalho a Hélia Hisako, companheira dos melhores e piores momentos da vida, grande incentivadora, esposa e amiga. Aos filhos Denise Tiekko e Fábio Akira, duas jóias de inestimável valor. À memória de Hiroshi Utida, sogro, pai e grande amigo, cuja ausência física nos causa saudades, mas, em pensamento, continua sempre entre nós.

AGRADECIMENTOS

À Prof^a. Maria Laura P. B. Franco, que nos orientou para que este trabalho se tornasse realidade, mas acima de tudo, pela amizade que pudemos estabelecer e que nos permitiu partilhar não só conhecimentos acadêmicos, mas também experiências de vida.

Às Prof^{as}. Mitsuko Ap. Makino Antunes, Mimi, e Marisa Todescan Baptista, pelas sugestões apresentadas em nossa qualificação e pela satisfação que nos causa tê-las novamente compondo nossa banca.

À Prof^a. Maria Nair Moreira, nossa querida Naná, pela

cuidadosa revisão gramatical deste trabalho, por sua amizade, respeito e torcida pelo nosso sucesso.

À sociedade Hebraico Brasileira Renascença pelo financiamento parcial desta pesquisa.

A todos os sujeitos que anonimamente participaram desta pesquisa. Sem eles este estudo não poderia ter sido realizado.

RESUMO

Como adequar a formação acadêmica dos alunos às atuais exigências sociais e às da Lei de Diretrizes e Bases da Educação, mais precisamente no que diz respeito à elaboração da proposta pedagógica da Instituição e seus cursos? Esta questão norteou a definição do problema desta pesquisa: **Qual a representação social sobre o diploma universitário na ótica de alunos dos cursos de licenciatura?**

O objetivo da pesquisa constituiu-se em investigar o perfil dos alunos ingressantes nos cursos de formação de professores, tendo como aspecto central as representações sociais por eles desenvolvidas acerca da obtenção do diploma, este entendido em seu valor simbólico de significar um curso, para que elas possam servir de base no equacionamento da proposta pedagógica da Instituição.

Os dados levantados, em duas etapas distintas, revelaram que as representações construídas pelos sujeitos analisados são de que o diploma lhes confere um *status* social diferenciado, valorização profissional e intelectual, assim como, ele foi buscado para atender a sua própria vocação. Por outro lado, esses mesmos dados mostram o quanto é reproduzida a ideologia dominante, por meio das relações entre as classes sociais.

Os resultados apontam para a necessidade de revisão do planejamento dos cursos de licenciatura, visando à formação de profissionais reflexivos e críticos e não meros reprodutores da ideologia dominante. Sugere, também, a elaboração de um projeto pedagógico que aprofunde a discussão das relações de dominação entre as classes sociais, para que as representações sociais possam ser re-significadas.

SUMMARY

How to adapt the academic formation of the students to the current social demands and the one of the Law of Guidelines and Bases of the Education, precisely with respect to the elaboration of the pedagogic proposal of the Institution and its courses? This subject lead the definition of the problem of this research: **Which is the social representation on the university diploma in the students' vision of the licentiate courses?**

The objective of the research was constituted in investigating the profile of the students joining the courses of teachers' formation, having as aspect the social representations for them developed concerning the obtaining of the diploma, this extended in its symbolic value of meaning a course, so that they can serve as base in the equating of the pedagogic proposal of the Institution.

The data brought up, in two distinct stages, revealed that the representations made by the analyzed individuals are that the diploma awards them a differentiated social status, professional and intellectual appreciation, as well as, it was obtained to assist their own vocation. On the other hand, those same data shows the all the dominant ideology is reproduced, by means of the relationships among the social classes.

The results point for the need of revision of the planning of the licentiate courses, aiming to the reflexive professionals' formation and critical and not mere reproducers of the dominant ideology. It suggests, also, the elaboration of a pedagogic project that deepens the discussion of the dominant relationships among the social classes, so that the social representations can be resigned.

SUMÁRIO

Introdução	1
Capítulo I - A pesquisa	10
Capítulo II - Os sujeitos e os cursos pesquisados .	14
1.0 - Os sujeitos objeto de estudo .	14
2.0 - Os cursos pesquisados	15
Capítulo III - A instituição e seu contexto	19
Capítulo IV - Procedimentos metodológicos	40
Capítulo V - Representações sociais: um termo de fácil compreensão, mas de difícil conceituação	48
Capítulo VI - Descrição e análise dos dados dos "calouros"	55
Capítulo VII - Descrição e análise dos dados dos formandos	68
Conclusão	94
Bibliografia	111
Anexo 1	113
Anexo 2	119

ÍNDICE DE FIGURAS, QUADROS E TABELAS

Tabela 1 - Idade dos "calouros" dos cursos de licenciatura.....	55
Figura 1 - Opção religiosa dos "calouros" dos cursos de licenciatura.....	56
Tabela 2 - Atividades realizadas pelos "calouros" no seu tempo livre.....	57
Figura 2 - Atividades realizadas pelos "calouros" no seu tempo livre.....	58
Tabela 3 - Renda bruta do "calouro" em reais.....	59
Quadro síntese das características dos "calouros".....	60
Tabela 4 - Distribuição dos formandos do 2º semestre de 1999, por curso.....	68
Figura 3 - Distribuição dos formandos do 2º semestre de 1999, por curso.....	69
Figura 4 - Idade dos formandos dos cursos de licenciatura do 2º semestre de 1999.....	70
Tabela 5 - Idade dos formandos dos cursos de licenciatura do 2º semestre de 1999.....	70
Quadro síntese da média e faixa de idade dos formandos....	71
Tabela 6 - Distribuição dos formandos do 2º semestre de 1999, por profissão.....	71
Figura 5 - Distribuição dos formandos do 2º semestre de 1999, por profissão.....	72
Quadro síntese das características dos formandos.....	72

INTRODUÇÃO

Vivemos num século marcado por grandes mudanças, fruto do avanço tecnológico que gerou, entre outras coisas, um sistema de comunicações que encurta as distâncias mundiais e derriba as barreiras físicas que separam os países e "globalizam" o homem.

Todas essas mudanças fazem parte do contínuo processo de transformação e percepção do mundo, como diz Engels:

" (...) o mundo não deve ser visto como um complexo de objetos completamente acabados, mas sim um complexo de processos, no qual objetos aparentemente estáveis, nada menos do que suas imagens em nossas cabeças (nossos conceitos), estão em incessante processo de transformação ...

*(...), nada é estabelecido por todos os tem
pos, nada é absoluto ou sagrado. Vê-se em
tudo a marca do declínio inevitável, nada re
siste, exceto o contínuo processo de forma-
ção e destruição(...)¹".*

Quando concebemos o mundo como sendo esse incessante processo de construção, desconstrução e reconstrução, estamos também concebendo o homem como tal, pois homem e mundo não são elementos que podem ser vistos separadamente, mas sim, como dois elementos que estão em constante interação.

O homem é determinado pelo mundo e é o determinante do mundo. Em outras palavras, o homem é um ser do mundo e para o mundo, que necessita das transformações deste para sobreviver e, por outro lado, transforma-o segundo as suas próprias necessidades ou as que ele julga serem suas, pois não podemos esquecer que "(...)numa sociedade de classes, os objetos produzidos pela maioria dos homens (...) são apropriados pela minoria que possui e controla os meios de produção; e isto significa que eles não são mais capazes de se reconhecer no mundo que criaram" (Eagleton, 1999:30). Ou seja, devemos considerar que muito do que o homem realiza é em função do processo de alienação a que está exposto. Processo esse que Marx postulou como sendo um estranhamento de si mesmo no mundo ou perda da referência do meio em que o indivíduo vive.

¹ Friederich Engels, in *A formação social da mente*, 1996, p. 160.

Desse modo, a simples compreensão do mundo não nos leva à compreensão do homem, mas a compreensão do homem implica o conhecimento de sua interação com o mundo, pois é nessa interação que ele constrói e transforma a si mesmo e ao mundo.

Esse olhar do homem sobre o mundo, principalmente em função desta série de mudanças havidas na última década, nos remete à urgente necessidade de reconstrução. Entendemos que ela deva começar pelo ponto mais sensível e nevrálgico de qualquer sociedade - a educação - aqui entendida desta forma por constituir o veículo de transmissão dos saberes, portanto, passível de alta ou baixa valoração em função da ideologia reinante.

Uma análise acurada da conjuntura educacional brasileira apontou a necessidade de a escola, veículo do fazer educacional, derrubar de vez as barreiras que a isolam da comunidade na qual está inserida.

Foi com esse espírito que nasceu a nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) que visa, entre outras coisas, segundo consta em seu texto, proporcionar um ensino voltado para as necessidades do mundo e, em especial, para a comunidade, ou seja, para o homem:

***"Art. 1º. A educação abrange os processos
que se desenvolvem na vida familiar, na convi***

vência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais.

§ 1º. (...)

§ 2º. A educação escolar deverá vincular-se ao mundo do trabalho e à prática social.

Art. 2º. A educação, (...), inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e a sua qualificação para o trabalho.

Art. 3º. O ensino será ministrado com base nos seguintes princípios:

(...)

II - liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar a cultura, o pensamento, a arte e o saber;

(...)

IV - respeito à liberdade e apreço à tolerância;

(...)

XI - vinculação entre a educação escolar, o trabalho e as práticas sociais.

(...)

Art. 43. A educação superior tem por finalidade

de:

I - estimular a criação cultural e o desenvolvimento do espírito científico e do pensamento reflexivo;

II - formar diplomados (...), aptos para a inserção em setores profissionais e para a participação no desenvolvimento da sociedade brasileira, e colaborar na sua formação contínua;

(...)

VI - estimular o conhecimento dos problemas do mundo presente, (...), prestar serviços especializados à comunidade e estabelecer com esta uma relação de reciprocidade;

(...)"

Como já foi mencionado, é o homem, movido por suas necessidades, quem transforma o seu próprio meio. Mas, para que ele se torne um agente de transformações, é necessário que algo o transforme, ou seja, é imperativo que exista alguma instância social que lhe forneça as bases, neste caso, os conhecimentos, habilidades e competências, para que ele possa agir sobre o seu próprio meio.

Entendemos que essa instância social é a escola, aqui entendida como sistema de educação ou simplesmente educação, pois ela é, ou deveria ser, a sistematizadora e propaladora de

todo o conhecimento produzido pela humanidade. Deste modo, os conhecimentos por ela transmitidos habilitam o homem a promover transformações no seu meio.

Levando em consideração a educação como fonte de recursos e a nova forma de transmissão desses recursos apregoados na LDB, especialmente no nível do ensino superior, é que a questão central deste projeto se insere.

No ensino superior, essa lei dá maior autonomia às instituições, no que se refere às experiências de ensino-aprendizagem, assim como incentiva uma sólida formação geral, para que o futuro graduado possa vir a superar os desafios do exercício profissional. Essa nova visão do ensino superior exige, por outro lado, que as instituições elaborem seus planos pedagógicos a partir de um perfil do profissional que elas pretendem formar para o mercado.

Pensando em todo esse contexto e tomando por base os cursos de licenciatura, sejam eles de que instituição forem, cujo objetivo geral é formar profissionais que irão atuar diretamente na educação, quer como professores, quer como especialistas em educação, é que pretendemos investigar o perfil do aluno ingressante nesses cursos. O aspecto fundamental neste perfil diz respeito às representações sociais desenvolvidas acerca da importância da obtenção do diploma, pois as repre-

sentações constituem uma forma de conceber o mundo e, a partir dessa concepção, agir sobre ele.

Entendemos que formar um profissional não implica somente traçar um perfil do profissional desejado e, a partir dele, instrumentalizar o aluno com preceitos teóricos. Percebemos, sim, que em primeiro lugar é necessário ter claro o que representa, para o aluno ingressante, possuir tal curso, para depois equacionar o projeto pedagógico de um dado curso, visando, não somente, à formação profissional, mas também, à formação de indivíduos críticos e reflexivos que possam reafirmar as suas representações sociais ou re-significá-las.

Considerando o que foi exposto é que levantamos o questionamento norteador da nossa pesquisa e as possíveis hipóteses que vislumbrávamos a seu respeito. A representação social sobre o diploma universitário foi o nosso enredo, os cursos de licenciatura, o nosso palco, os alunos, os nossos atores e a Instituição estudada, o grande teatro deste trabalho, cuja pretensão é contribuir para o aprimoramento do processo educacional, trazendo à luz dados que possam ser úteis para a consecução de um projeto pedagógico que, entre outras coisas, proporcione, aos alunos, uma visão crítica de mundo.

No primeiro capítulo, intitulado **A pesquisa**, procuramos expor as razões desencadeadoras deste trabalho: a problemática levantada e os objetivos traçados.

O segundo capítulo, **Os sujeitos e os cursos pesquisados**, é destinado, ainda que de forma breve, à caracterização dos sujeitos e da modalidade de cursos escolhidos. Quanto aos sujeitos, foram caracterizados tanto aqueles que são o nosso objeto de estudo quanto os que serviram de parâmetro de análise comparativa para a problemática levantada. Com relação ao curso, o de formação de professores, procuramos fazer, além de sua caracterização, um pequeno histórico abrangendo o seu surgimento no cenário educacional e a sua vinculação acadêmica.

Quanto ao terceiro capítulo, denominado **A instituição e seu contexto**, fizemos uma caracterização, considerando toda a sua evolução histórica, desde a fundação, até chegarmos aos cursos de formação de professores. Com referência a tais cursos, realizamos uma descrição que contempla toda a sua estrutura: carga horária, duração, elenco curricular e habilitações possíveis.

Em nosso quarto capítulo, foi descrito o **procedimento metodológico** utilizado na pesquisa. Foram aplicados, em etapas distintas, questionários aos ingressantes e concluintes dos cursos de formação de professores. Após essa aplicação, os questionários foram descritos e analisados e, posteriormente, comparados à luz da **Teoria das Representações Sociais** de Serge Moscovici, a qual é tratada no quinto capítulo.

Os capítulos sexto e sétimo foram destinados à **descri-**

ção e análise dos dados dos ingressantes e concluintes e, na **conclusão**, fizemos uma comparação entre os dados com a finalidade de responder ao questionamento gerador desta pesquisa.

Portanto, foi pela descrição e análise dos dados dos alunos ingressantes nos cursos de formação de professores da Instituição escolhida para esse estudo e de sua comparação com os dados dos concluintes, que procuramos responder à questão norteadora da pesquisa, tendo por base a Teoria das Representações Sociais.

CAPÍTULO I - A PESQUISA

A pesquisa foi realizada em uma Instituição de ensino superior, particular, situada na cidade de São Paulo. Essa Instituição, da qual fazemos parte na qualidade de docente, serviu-nos de fonte inspiradora para nossas reflexões sobre a questão da formação acadêmica de seus alunos. Nossa preocupação recaiu, principalmente, nos cursos de licenciatura e gerou a seguinte pergunta: como adequar a formação acadêmica dos alunos às atuais exigências sociais e às da Lei de Diretrizes e Bases da Educação, mais precisamente no que diz respeito à elaboração da proposta pedagógica da Instituição e de seus cursos?

Entendemos que a adequação da formação acadêmica dos alunos começa pela proposta pedagógica que a Instituição pretende desenvolver em seus cursos, pois é sua função, entre outras, articular a formação profissional com as necessidades da

sociedade. Assim, para que essa proposta possa ser elaborada, será necessário um levantamento-diagnóstico minucioso que caracterize a clientela escolar, para que a Instituição equacione os seus cursos tendo como ponto de partida a necessidade dos alunos.

Pensando em toda essa problemática é que surgiu o nosso interesse em levantar o perfil dos alunos ingressantes na Instituição com o intuito de sabermos qual a representação social sobre o diploma pleiteado, para que ela possa servir de base na elaboração da proposta pedagógica. A nossa visão sobre essa proposta é que ela deve levar em conta as expectativas que os alunos têm em relação ao curso no qual ingressaram e, além disso, determinar em que o curso servirá para o aluno.

Conhecer tais expectativas implica, diretamente, trazer à luz qual a representação que os alunos têm sobre o curso, e considerar tal representação na elaboração da proposta pedagógica significa poder elaborar estratégias de ação que, conforme o caso, possam reforçar ou re-significar as próprias representações e, assim, propiciar a formação de indivíduos pensantes e críticos, não alienados, nem alijados socialmente, mas que possam se reconhecer como membros e, principalmente, como agentes e pacientes da sociedade.

Tomando por base essas reflexões, levantamos o seguinte

questionamento: **Qual a representação social sobre o diploma universitário na ótica de alunos dos cursos de licenciatura?**

Tal questionamento teve por função investigar a problemática central com os alunos da Instituição visando os seguintes objetivos:

- a) Conhecer o aluno do curso de licenciatura; assim, foi traçado um perfil desses alunos com os seguintes dados: pessoais, acadêmico-profissionais e socioeconômico-culturais;
- b) Detectar as representações que esse aluno desenvolve acerca da importância da obtenção do diploma em seu curso, levando em conta as seguintes características pessoais/profissionais:
 - 1) inserção no mercado de trabalho (na área ou qualuquer outra)?
 - 2) manutenção do vínculo empregatício?
 - 3) obtenção do respeito social?
 - 4) obtenção de autonomia intelectual?

Esclarecemos que, quando nos referimos ao **diploma**, na verdade, estamos considerando o seu valor simbólico: o de significar um curso que, ao seu final, ele representará concretamente.

Levando em consideração o questionamento levantado, passamos a delimitar os sujeitos objeto da pesquisa, os cursos, o contexto da Instituição, os procedimentos metodológicos e a teoria de base para nossas análises, sobre que abordaremos nos capítulos que se seguem.

CAPÍTULO II - OS SUJEITOS E OS CURSOS PESQUISADOS

Nossa pesquisa foi realizada com alunos do ensino superior, tanto ingressantes como concluintes; a problemática norteadora do estudo teve como objeto os alunos de 1º semestre e os cursos escolhidos foram os de licenciatura oferecidos pela Instituição.

1.0 - Os sujeitos objeto de estudo

Em função desta opção de trabalho, os sujeitos escolhidos foram os alunos que ingressaram na Instituição, por meio de processo seletivo, no 2º semestre letivo de 1999, e que foram por nós denominados de "calouros".

Como nossa preocupação recaiu sobre a formação acadêmica dos alunos e, por entendermos que as representações sociais sobre o diploma constituem rico material para as tomadas de decisões acerca das ações pedagógicas que serão necessárias para o equacionamento dos cursos de graduação, é que também levantamos as representações sociais sobre o diploma na ótica dos formandos. O resultado desse levantamento foi comparado com os dos "calouros", a fim de verificarmos a existência ou não de diferenças nas representações. O produto dessa comparação tornou-se mais uma variável a ser considerada no equacionamento dos cursos de graduação.

Dessa forma, além dos "calouros", também foram sujeitos de nossa pesquisa os alunos concluintes dos cursos de licenciatura, no 2º semestre letivo de 1999.

2.0 - Os cursos pesquisados

Os cursos escolhidos para esta pesquisa foram os de Licenciatura Plena em Ciências Biológicas, Letras, Matemática e Pedagogia.

Esses cursos foram escolhidos por estarem ligados à área de educação, fonte de nossos interesses e preocupações.

Pelo sistema educacional brasileiro, as modalidades de ensino estão divididas nas seguintes categorias:

- a) Educação básica, congregando a educação infantil, o ensino fundamental e o ensino médio;
- b) Educação superior.

Quanto à educação básica, os professores que atuam nesta modalidade de ensino, segundo consta na Lei de Diretrizes e Bases da Educação em seu Art. 62, deverão ter formação superior, em cursos de Licenciatura Plena. Ressalva-se que, para a educação infantil e as quatro primeiras séries do ensino fundamental, admite-se a formação técnica em curso de magistério, mas a própria Lei dá preferência à formação superior, tanto que estabelece que, até 2007, todos os professores deverão ter essa formação.

Historicamente, só a partir de 1930, com a estruturação do ensino secundário (ginasial e médio) em séries anuais, seqüenciais e tornando-o obrigatório àqueles que pretendiam continuar seus estudos em nível superior, foi que surgiram os cursos destinados à formação de professores para o ensino secundário. Esses cursos foram organizados, inicialmente, em três esferas: federal, paulistana e do Distrito Federal.

Na esfera federal, a formação do professor era de res-

ponsabilidade da Faculdade de Educação, Ciências e Letras, em cursos de licenciatura.

Já na esfera paulistana, anteriormente à fundação da Universidade de São Paulo, a formação de professores era de responsabilidade do Instituto de Educação. Com a criação dessa Universidade, o Instituto foi a ela incorporado, passando, a formação do professor, para a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras. A partir de 1969, com a reforma universitária, essa faculdade foi desmembrada em: Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, com cursos de formação específica, e Faculdade de Educação, destinada a formar pedagogos e a lecionar as disciplinas pedagógicas para os alunos dos cursos específicos, ou seja, esta última passou a ser a responsável pela habilitação dos professores para o ensino secundário.

Quanto ao Distrito Federal, os professores eram formados, inicialmente, pela Escola de Professores do Instituto de Educação que, com a criação da Universidade do Distrito Federal, foi por ela incorporada sob a denominação de Escola de Educação. Em 1939 essa Universidade é transformada em Universidade do Brasil e são criadas as Faculdades Nacional de Educação e a Nacional de Filosofia, Ciências e Letras, nos moldes da Universidade de São Paulo. Passados dois anos, uma reforma extingue a Faculdade de Educação, ficando, dessa forma, a Faculdade de Filosofia, por intermédio de sua seção de Pedagogia, responsável pela formação do professor. Tal situação perdu-

ra até a reforma de 1968, quando renascem as faculdades de educação.

Independentemente de ser a faculdade de educação ou a de filosofia que habilita o professor para o exercício do magistério, a sua formação é prevista em cursos de licenciatura. Portanto, são esses cursos, formadores de professores para o ensino fundamental de 5^a a 8^a séries e ensino médio, que escolhemos para nossa pesquisa.

CAPÍTULO III - A INSTITUIÇÃO E SEU CONTEXTO

A Instituição escolhida para a realização da pesquisa pertence à rede particular de ensino de São Paulo. É um estabelecimento de ensino superior, sem fins lucrativos, pertencente a uma organização escolar da comunidade judaica que está inserida no cenário paulista há 78 anos, congregando vários graus de ensino: do maternal ao pós-graduação (*lato e stricto sensu*).

A necessidade de proporcionar um ensino judaico formal para os filhos dos imigrantes vindos principalmente da Polônia, Rússia, Bessarábia e de outros países da Europa, bem como para os filhos dos judeus já estabelecidos na cidade de São Paulo, fez com que fosse fundada, em 21 de abril de 1922, no bairro do Bom Retiro, a primeira escola hebraico-brasileira. Esta escola oferecia o currículo oficial e o diploma do curso

primário e, ao mesmo tempo, proporcionava um ensino judaico formal, ou seja, um ensino que visava passar e perpetuar os valores culturais, religiosos e da língua do povo judeu.

A escolha do bairro do Bom Retiro não se deu por acaso, mas sim, por ele abrigar um grande número de imigrantes judeus. Aliás, o Bom Retiro, em sua história, foi sempre um bairro que abrigou imigrantes de várias partes do mundo. Tal fato ocorreu a partir da sua urbanização, que começa com a construção da ferrovia "**The São Paulo Railway**" em 1867, ligando as cidades de São Paulo e Santos. Era um bairro operário que crescia em torno da Estação da Luz, onde se instalaram oficinas, armazéns e pequenas indústrias. Os primeiros imigrantes a chegar ao Bom Retiro foram os italianos, seguidos pelos judeus da Europa. Mas não foram somente esses, vieram também imigrantes portugueses, sírios, libaneses e gregos; tanto é que a atual Rua José Paulino, uma das mais famosas do bairro, até 1916 chamava-se Rua dos Imigrantes. O Bom Retiro era um local predominantemente residencial até a década de 50, cedendo lugar às feições comerciais a partir de então. Os imigrantes chegavam, na época, à Estação da Luz, vindos do Porto de Santos, e eram abrigados por muitas famílias residentes no bairro, até que reunissem condições de se manterem por si próprias. Isto fazia com que esses imigrantes, em sua grande maioria, acabassem fixando-se no próprio bairro.

Nas décadas de 20 e 30, o Bom Retiro era um dos principais centros culturais e intelectuais da cidade, pois concentrava algumas das escolas primárias e superiores mais tradicionais do país. Foi na Rua Três Rios, mais precisamente, no **"Palacete Três Rios"**, que surgiu a Escola Politécnica em 1893, encampada pela Universidade de São Paulo em 1935 e que se mudou posteriormente para a Cidade Universitária. Foi também na Rua Três Rios que, a partir de 1905, funcionou a Escola de Farmácia, também encampada pela Universidade de São Paulo como Escola de Farmácia e Odontologia.

É datada de 1884 a primeira escola primária do bairro, bem como nele também funcionaram famosos ginásios, tais como a Escola Modelo Prudente de Moraes e duas unidades da Ordem Salesiana: o Santa Inês, para meninas, e o Instituto Dom Bosco, para meninos, ambos fundados em 1919 e, até hoje em pleno funcionamento, mas agora como escolas mistas. O Instituto Dom Bosco era uma escola profissionalizante, desmembrada do Liceu Coração de Jesus de Artes e Ofícios, situado no bairro dos Campos Elíseos. Próximo ao Jardim da Luz, cuja fundação data de 1825, e que abrigou um jardim botânico, encontra-se até hoje a Pinacoteca do Estado.

Na década de 20, o bairro contava com uma população de aproximadamente 30 mil pessoas, o que correspondia a algo em torno de 5,2% do total de 580 mil habitantes da cidade. Foi também nos anos 20 que São Paulo superou a produção industrial

da Capital Federal, o Rio de Janeiro, tornando-se, no cenário mundial, uma de suas grandes metrópoles. Entre 1910 e 1924 a população paulista cresceu vertiginosamente, principalmente com a vinda de imigrantes atraídos pelo desenvolvimento industrial de São Paulo. À época, encontravam-se na cidade 150 mil italianos, 180 mil portugueses e 170 mil espanhóis. Quanto aos judeus, estes já somavam 30 mil entre 1920 e 1930, e eram provenientes, principalmente, da Europa Oriental, Polônia, Rússia e Bessarábia. Esse grande contingente de imigrantes judeus deslocou-se para cá em função da restrição imposta à imigração para os Estados Unidos e Canadá, do anti-semitismo que assolava a Europa da época e das oportunidades que o desenvolvimento da cidade oferecia.

É neste quadro que os imigrantes já estabelecidos no bairro, e que se encontravam em melhores condições financeiras, fundaram a instituição hebraico-brasileira, com o objetivo de prestar serviços educacionais para os filhos dos membros da comunidade judaica. Apesar de nascer com o espírito de manter agregada a comunidade dentro de suas tradições, hoje esta Instituição atende à comunidade indistintamente, estando aberta a alunos oriundos de qualquer etnia e credo.

Em sua cronologia observam-se os seguintes pontos principais:

- 1922 - fundação da Instituição sob a denominação de **"Gymnasio"**, com o oferecimento do curso primário e jardim de infância;
- 1941 - a Instituição mantém uma escola profissionalizante aberta para a comunidade;
- 1943 - é requerida pela Instituição, junto aos órgãos oficiais de ensino, a abertura do curso ginásial;
- 1944 - a Instituição inicia o processo de criação do curso secundário;
- 1945 - começa a funcionar na Instituição o Seminário Hebraico de Professores, primeiro curso de formação de professores para o ensino de matérias judaicas em São Paulo;
- 1947 - os alunos do Seminário Hebraico vão estudar em Israel;
- 1948 - começa a funcionar o curso ginásial;
- 1949 - a Instituição mantém um curso noturno de cultura judaica para adultos;
- 1951 - formatura da primeira turma do curso ginásial;
- 1954 - a Instituição começa a planejar o curso colegial;
- 1956 - o grêmio estudantil organiza a biblioteca do ginásio com 150 livros em português e 240 em hebraico;

- 1957 - a Instituição funda o Núcleo de Estudos Judaicos e Pedagógicos;
- 1958 - a fanfarra da Instituição começa a ser organizada;
- 1962 - a Instituição comemora 40 anos de existência com o início do funcionamento dos cursos clássico e científico;
- 1964 - a Instituição inaugura a sua Escola Normal e é assinado convênio para o ensino da Matemática Moderna;
- 1965 - a Escola Normal começa a funcionar e incorpora o Seminário Hebraico. São criados os serviços de Orientação Educacional e Orientação Pedagógica. A língua hebraica passa a ser ensinada no jardim e pré-primário;
- 1966 - é proposta à Mantenedora da Instituição a criação das Faculdades. É implantado o ginásio moderno e o conservatório musical;
- 1968 - a Instituição abre uma unidade no bairro de Higienópolis;
- 1969 - a Instituição torna-se Instituto de Educação e inicia-se o curso de aperfeiçoamento de professores pré-primários. No Bom Retiro, ocorre a formatura da primeira turma do ginásio moderno;
- 1971 - a criação das Faculdades é aprovada;
- 1972 - comemoração dos 50 anos da Instituição;

- 1973 - é autorizada pelo Ministério da Educação a abertura dos cursos de Ciências, Letras e Pedagogia das Faculdades;
- 1974 - abertura do curso ginasial na unidade de Higienópolis;
- 1975 - as Faculdades iniciam suas atividades e começa também a funcionar o curso de Magistério em substituição ao curso Normal;
- 1977 - são reconhecidos pelo MEC os cursos de Letras e Pedagogia, culminando com a formatura da primeira turma desses cursos;
- 1979 - início do funcionamento do curso colegial na unidade de Higienópolis. O MEC reconhece o curso de Ciências das Faculdades;
- 1981 - é criada a Faculdade de Tecnologia com autorização de funcionamento do curso de Hotelaria;
- 1984 - é reconhecido pelo MEC o curso de Hotelaria e autorizado o funcionamento do curso de Processamento de Dados;
- 1985 - é inaugurada uma unidade de pré-escola no bairro das Perdizes;
- 1987 - é autorizado o funcionamento do curso de Matemática;
- 1988 - é reconhecido pelo MEC o curso de Processamento de Dados;

- 1991 - é reconhecido pelo MEC o curso de Matemática e autorizado o funcionamento do curso de Secretariado Executivo Bilíngüe. Início das atividades do Centro de Pós-graduação;
- 1997 - é reconhecido pelo MEC o curso de Secretariado Executivo Bilíngüe. A Instituição comemora seu 75º aniversário;
- 1998 - é autorizada pelo MEC a instalação do curso de Administração de Empresas. É instalado o curso de Formação Especial de Professores (Resolução MEC n.º 2/97), e
- 1999 - é autorizado pelo MEC o funcionamento do curso de Ciências Biológicas. Inicia-se o curso de Mestrado em Educação no Centro de Pós-graduação.

Com referência aos cursos de nível superior, enfoque da nossa pesquisa, a Instituição mantém várias Faculdades sob a denominação geral de Faculdades Integradas. A manutenção financeira dos cursos advém das mensalidades arrecadadas, que são, em média de R\$ 360,00, pois variam de acordo com o semestre, obedecendo a critério decrescente de valores, isto é, mensalidades mais altas no 1º semestre letivo, baixando nos demais semestres. Suas Faculdades e cursos estão assim distribuídos:

- Faculdade de Educação, Ciências e Letras, com os cursos de Licenciatura em: Pedagogia, Letras, Matemática, Ciências Biológicas e Formação Especial de Professores (Res. 2/97);
- Faculdade de Administração de Empresas, com o curso de Bacharelado em: Administração de Empresas, e
- Faculdade de Tecnologia, com os cursos de Tecnólogo em: Hotelaria, Processamento de Dados e Secretariado Executivo Bilíngüe.

As Faculdades funcionam em dois *campi*, um no bairro Bom Retiro e outro em Higienópolis. No *campus* Bom Retiro funcionam as Faculdades de Educação, Ciências e Letras, a de Administração de Empresas e o curso de Secretariado Executivo Bilíngüe, pertencente à Faculdade de Tecnologia. Já no *campus* Higienópolis, além da Faculdade de Tecnologia, funciona o Centro de Pós-graduação com cursos de Especialização (*lato sensu*) e Mestrado em Educação.

Os cursos de ambos os *campi* são semestrais e funcionam no período noturno, com exceção do curso de Formação Especial de Professores (Res. 2/97), que é diurno e tem apenas um semestre de duração.

Por se tratar de uma Instituição judaica, apesar de as Faculdades atenderem ao público em geral, a semana letiva com-

preende quatro dias (segunda a quinta-feira), com exceção do curso que funciona no período diurno; quanto ao calendário anual, guarda tanto as datas comemorativas brasileiras como as judaicas. Ainda, por se tratar de uma Instituição ligada à comunidade israelita, nos currículos plenos das Faculdades existe a obrigatoriedade de o aluno cursar a disciplina de História do Povo e da Cultura dos Judeus.

Com relação aos cursos de licenciatura - Pedagogia, Letras, Matemática e Ciências Biológicas - cujo público de 1º e de último semestres foi o nosso alvo de pesquisa e análise, estes oferecem as seguintes habilitações e composição:

a) Pedagogia: habilitação em Administração Escolar, Supervisão Escolar, Magistério e Orientação Educacional. O curso tem a duração de 4 anos, distribuídos em 8 semestre letivos, com o seguinte elenco curricular:

- Educação física
- História do Povo e da Cultura dos Judeus I
- História do Povo e da Cultura dos Judeus II
- Sociologia Geral
- Sociologia da Educação
- Psicologia Geral
- Psicologia da Aprendizagem

- Psicologia do Desenvolvimento
- Psicologia da Educação I
- Psicologia da Educação II
- Filosofia da Educação
- Língua Portuguesa
- História da Educação I
- História da Educação II
- Planejamento em Educação
- Dinâmica de Grupo
- Administração da Escola de Ensino Fundamental
- Administração da Escola de Ensino Médio
- Supervisão da Escola de Ensino Médio
- Estrutura e Funcionamento do Ensino Fundamental
- Estrutura e Funcionamento do Ensino Médio
- Estrutura e Funcionamento do Ensino Superior
- Didática I
- Didática II
- Princípios e Métodos de Supervisão Escolar
- Biologia da Educação
- Princípios e Métodos de Orientação Educacional
- Orientação Vocacional
- Medidas Educacionais I
- Medidas Educacionais II
- Princípios e Métodos de Administração Escolar
- Estatística Aplicada à Educação
- Metodologia do Ensino Fundamental

- Prática de Ensino Fundamental e Médio
- Metodologia das Ciências
- Currículos e Programas
- Informática Aplicada à Educação I
- Informática Aplicada à Educação II
- Estágio Supervisionado

O aluno conclui o curso com duas habilitações, geralmente em Administração e Supervisão Escolar, mas, se quiser, poderá cursar um semestre a mais e concluir outras duas habilitações entre as oferecidas pela Instituição. As disciplinas que conferem habilitações são:

1. **Administração Escolar:** Administração da Escola de Ensino Fundamental; Princípios e Métodos de Administração Escolar e o respectivo Estágio Supervisionado;

2. **Supervisão Escolar:** Supervisão da Escola de Ensino Médio; Princípios e Métodos de Supervisão Escolar e o respectivo Estágio Supervisionado;

3. **Orientação Educacional:** Orientação Vocacional; Princípios e Métodos de Orientação Educacional e o respectivo Estágio Supervisionado;

4. **Magistério** (das disciplinas pedagógicas no ensino profissionalizante): Metodologia do Ensino Fundamental; Prática de Ensino Fundamental e Médio e o respectivo Estágio Supervisionado.

O curso, com duas habilitações, tem a duração de 3.200 horas, incluindo os respectivos estágios supervisionados.

- b) Letras: licenciatura em Português-Inglês e Português-Hebraico para o ensino fundamental e médio. O curso tem duração de 4 anos, distribuídos em 8 semestres letivos, com o seguinte elenco curricular, de acordo com a habilitação:

PORTUGUÊS - INGLÊS

- Educação Física
- História do Povo e da Cultura dos Judeus I
- História do Povo e da Cultura dos Judeus II
- Psicologia da Educação
- Língua Portuguesa I
- Língua Portuguesa II
- Língua Portuguesa III
- Língua Portuguesa IV
- Língua Portuguesa V

- Literatura Portuguesa I
- Literatura Portuguesa II
- Literatura Portuguesa III
- Literatura Brasileira I
- Literatura Brasileira II
- Literatura Brasileira III
- Língua Inglesa I
- Língua Inglesa II
- Língua Inglesa III
- Língua Inglesa IV
- Literatura Inglesa I
- Literatura Inglesa II
- Literatura Inglesa III
- Língua Latina I
- Língua Latina II
- Literatura Latina
- Lingüística I
- Lingüística II
- Teoria da Literatura I
- Teoria da Literatura II
- Estrutura e Funcionamento do Ensino Fundamental
- Estrutura e Funcionamento do Ensino Médio
- Didática
- Prática de Ensino
- Metodologia das Ciências
- Técnicas de Redação

- Estágio Supervisionado

O curso tem duração de 2.900 horas, incluindo o estágio supervisionado.

PORTUGUÊS-HEBRAICO

- Educação Física
- História do Povo e da Cultura dos Judeus I
- História do Povo e da Cultura dos Judeus II
- Psicologia da Educação
- Língua Portuguesa I
- Língua Portuguesa II
- Língua Portuguesa III
- Língua Portuguesa IV
- Língua Portuguesa V
- Literatura Portuguesa I
- Literatura Portuguesa II
- Literatura Portuguesa III
- Literatura Brasileira I
- Literatura Brasileira II
- Literatura Brasileira III
- Língua Hebraica I
- Língua Hebraica II
- Língua Hebraica III
- Língua Hebraica IV

- Literatura Hebraica I
- Literatura Hebraica II
- Literatura Hebraica III
- Língua Latina I
- Língua Latina II
- Literatura Latina
- Lingüística I
- Lingüística II
- Teoria da Literatura I
- Teoria da Literatura II
- Estrutura e Funcionamento do Ensino Fundamental
- Estrutura e Funcionamento do Ensino Médio
- Didática
- Prática de Ensino
- Metodologia das Ciências
- Técnicas de Redação
- Estágio Supervisionado

O curso tem duração de 2.900 horas, incluindo o estágio supervisionado.

- c) Matemática: licenciatura em Matemática para o ensino fundamental e médio. O curso tem duração de 3 anos, distribuídos em 6 semestres letivos, com o seguinte elenco curricular:

- Educação Física
- História do Povo e da Cultura dos Judeus I
- História do Povo e da Cultura dos Judeus II
- Psicologia da Educação
- Língua Portuguesa
- Matemática I
- Matemática II
- Cálculo Numérico e Gráfico
- Desenho Geométrico I
- Desenho Geométrico II
- Desenho Geométrico III
- Matemática Aplicada
- Geometria Analítica I
- Geometria Analítica II
- Cálculo Diferencial e Integral I
- Cálculo Diferencial e Integral II
- Cálculo Diferencial e Integral III
- Física I
- Física II
- Física III
- Geometria
- Estrutura e Funcionamento do Ensino Fundamental
- Estrutura e Funcionamento do Ensino Médio
- Didática
- Prática de Ensino
- Metodologia das Ciências

- Álgebra
- Álgebra Linear
- Análise Matemática
- Processamento de Dados
- Estatística
- Estágio Supervisionado

A ênfase do curso de Matemática está em Processamento de Dados, como carga horária total, incluindo o estágio supervisionado, de 2.740 horas.

d) Ciências Biológicas: licenciatura em Ciências para o ensino fundamental e Biologia para o ensino médio. O curso tem duração de 4 anos, distribuídos em 8 semestres letivos, com o seguinte elenco curricular:

- Educação Física
- História do Povo e da Cultura dos Judeus I
- História do Povo e da Cultura dos Judeus II
- Psicologia da Educação
- Língua Portuguesa
- Fisiologia Humana e Comparativa I
- Fisiologia Humana e Comparativa II
- Ecossistemas
- Imunologia e Microbiologia
- Princípios de Sistemática e Biogeografia

- Ecologia Geral
- Ecologia Vegetal
- Ecologia Animal
- Ecologia Humana
- Conservação da Natureza
- Biologia Geral I
- Biologia Geral II
- Biologia Celular e Molecular
- Química de Biomoléculas
- Processos Evolutivos
- Biotecnologia
- Botânica I
- Botânica II
- Botânica III
- Recursos Naturais
- Zoologia I
- Zoologia II
- Bioquímica
- Educação e Legislação Ambiental
- Geologia e Paleontologia
- Física e Biofísica
- Estrutura e Funcionamento do Ensino Fundamental
- Estrutura e Funcionamento do Ensino Médio
- Didática
- Prática de Ensino
- Metodologia das Ciências

- Estatística
- Estágio Supervisionado I
- Estágio Supervisionado II

A ênfase do curso de Ciências Biológicas está em ecologia, com duração de 2.840 horas, incluindo o estágio supervisionado.

O corpo docente dos cursos de licenciatura mantidos pela Instituição é composto de 40 professores, muitos dos quais encontram-se na casa, em média, há mais de 15 anos. Não é raro encontrar professores que estão lecionando nas Faculdades desde a sua fundação, bem como outros que são egressos dos quadros do curso médio, quando da fundação dos cursos superiores, além de ex-alunos de graduação.

O gerenciamento dos cursos está sob a responsabilidade do Diretor Administrativo de cada Faculdade e de seus respectivos Chefes de Departamento de cada curso. O Diretor Administrativo representa o elo entre o Curso e a Mantenedora da Instituição; já o Chefe de Departamento, além de coordenar pedagogicamente o curso, funciona como elo entre os corpos docente e discente e a direção da Faculdade. Ainda sobre a figura do Chefe de Departamento, salientamos ser ele um professor do curso que é eleito por seus pares para um mandato de dois anos, podendo ser várias vezes reeleito.

O ingresso do aluno nos cursos oferecidos pela Instituição ocorre por concurso vestibular, de caráter classificatório, realizado duas vezes por ano, sendo oferecidas 50 vagas por curso em cada vestibular.

Quanto à matrícula nos cursos, esta é realizada pelo sistema de **matrícula por disciplina**, no qual o aluno, por meio de um requerimento dirigido ao diretor da Faculdade, solicita a sua matrícula nas disciplinas cujos códigos estão discriminados. Já com relação ao sistema de notas de avaliações, estas são representadas por conceitos. A aprovação do aluno em cada disciplina está vinculada à obtenção de, no mínimo, conceito "**C**" e frequência a, pelo menos, 75% das aulas dadas em cada disciplina.

CAPÍTULO IV - PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Para investigar a problemática levantada aplicamos, aos alunos ingressantes na Instituição, um questionário intitulado **"Quem é o calouro da Faculdade"** (anexo 1) e, aos formandos, um outro questionário (anexo 2).

O processo de escolha dos sujeitos, "calouros" e formandos, deu-se de forma aleatória.

A aplicação dos questionários ocorreu da seguinte maneira: num primeiro momento, foram aplicados a todos os "calouros" dos cursos de licenciatura, e, posteriormente, escolhemos, para efeito de interpretação e análise, à luz da teoria das representações sociais, apenas três questionários de cada curso, totalizando doze sujeitos. Aos formandos foram aplicados onze questionários, sendo três para o curso de Letras, quatro para o de Matemática e, em igual número, para Pe-

dagogia. Esclarecemos que não foi aplicado nenhum questionário para formando do curso de Ciências Biológicas, em virtude de ser um curso novo, portanto, não tendo ainda nenhum concluinte.

Com referência à coleta de dados dos "calouros", fizeram parte dela somente os "calouros" presentes no dia da coleta, independentemente do número de matriculados em cada curso de licenciatura. A amostra - três representantes de cada curso (Ciências Biológicas, Letras, Matemática e Pedagogia) - significou, aproximadamente, 16,22% do total de alunos presentes, que foi de setenta e quatro.

A coleta dos dados ocorreu semelhantemente ao procedimento geral da aplicação de provas do concurso vestibular, ou seja, após a exposição dos objetivos do questionário e dos cuidados com o seu preenchimento, procedemos à sua distribuição.

Solicitamos que todos mantivessem os questionários com o verso para cima, de tal forma que, ao sinal de "podem começar", todos o fizessem simultaneamente. Tal procedimento foi utilizado para garantir um tempo igual a todos, pois o questionário foi aplicado na própria sala dos "calouros" e durante o período de aulas.

Foram anotados os horários de início e de término de preenchimento, sendo gastos, em média, nove minutos para responder ao questionário.

Com referência ao questionário, este foi dividido em quatro blocos de perguntas, num total de vinte e sete, agrupadas nas seguintes variáveis: pessoal, acadêmico-profissional e socioeconômico-cultural. Tais variáveis refletem os seguintes dados sobre os "calouros": na **variável pessoal**, encontram-se as informações referentes ao curso escolhido, idade, sexo, estado civil e opção religiosa. O objetivo desta variável foi caracterizar os "calouros" enquanto indivíduos. Com relação à **variável acadêmico-profissional**, ela nos fornece dados relativos à escolarização e à atividade profissional desenvolvida. Esta variável caracterizou os "calouros" enquanto profissionais, bem como suas expectativas de profissionalização. No tocante à **variável socioeconômico-cultural**, seus dados revelam a posição econômico-social e as atividades culturais desenvolvidas. A finalidade desta variável foi caracterizar o nível socioeconômico e a diversidade cultural dos "calouros".

A escolha destas variáveis, bem como dos dados coletados, prendeu-se ao fato de que, para entender a representação social que alguém tem sobre algo, é necessário levantar dados sobre o seu meio, seus conhecimentos e valores, pois a representação, segundo Moscovici, é uma atividade mental em que o

indivíduo, a partir do contexto em que está inserido, e pelas suas experiências, reorganiza e cria o real internamente.

Retornando ao questionário, o primeiro bloco, denominado **Fale um pouco sobre você**, é composto de onze perguntas divididas entre as variáveis da seguinte forma: as perguntas de número um a cinco são referentes à variável pessoal, as de número seis, sete, oito, nove e onze, à variável acadêmico-profissional e a número dez, à variável socioeconômico-cultural.

No segundo bloco, intitulado **Fale um pouco sobre o seu trabalho**, as perguntas de número um a quatro e a seis referem-se à variável acadêmico-profissional e a pergunta de número cinco, à socioeconômico-cultural.

Quanto ao terceiro bloco, nomeado de **Fale um pouco sobre sua casa**, as suas cinco perguntas pertencem à variável socioeconômico-cultural. Já com relação ao quarto e último bloco, **Fale um pouco sobre você e a Faculdade**, suas cinco perguntas estão relacionadas à variável acadêmico-profissional.

Em resumo, a variável pessoal é composta por cinco perguntas, a socioeconômico-cultural, por sete e a acadêmico-profissional, por quinze, totalizando as vinte e sete perguntas que compõem o questionário.

Além da descrição do objetivo, o questionário conta também com instruções para o seu preenchimento. Com relação às perguntas, estas são apresentadas de forma estruturada, admitindo somente uma alternativa como resposta. Em algumas delas existe uma alternativa, seguida da expressão **Qual** ou **Quais**, que, se escolhida, deveria ser complementada. Em nossa coleta, neste quesito, houve apenas uma resposta categorizada como **sem especificação**, por não ter sido respondida.

No bloco **Fale um pouco sobre o seu trabalho**, a pergunta de número um pede:

"- *Você trabalha em:* *Escola*
 Comércio
 Indústria
 Prestação de serviços".

A categoria **escola**, apesar de pertencer à prestação de serviços, encontra-se destacada desta última com o intuito de sensibilizar este dado, uma vez que a Instituição pesquisada mantém vários cursos de licenciatura, e o corpo discente destes cursos tem por característica ser formado em sua maioria por professores.

O último bloco - **Fale um pouco sobre você e a Faculdade** - é aquele que responde diretamente à problemática levantada, pois nas três últimas perguntas o "calouro" é diretamente

questionado sobre: o porquê de ter escolhido o seu curso, a importância de ter um curso universitário e quais as suas expectativas em relação ao curso escolhido.

As demais perguntas dos outros blocos servem de respaldo necessário para a compreensão das respostas dadas às três perguntas finais do último bloco.

A coleta de dados dos onze formandos, o que representou 37,93% do total de concluintes, que é de vinte e nove alunos, foi realizada informalmente no final do semestre letivo. À medida que os formandos eram encontrados nas dependências da Instituição, era-lhes solicitado que respondessem ao questionário. A aplicação do instrumento não obedeceu a nenhuma preparação prévia dos formandos, como ocorreu na dos "calouros"; a opção por essa sistemática de aplicação visou a um maior grau de sinceridade nas respostas dadas, pois o elemento surpresa, causado pela não preparação, fez com que eles respondessem o que realmente sentiam naquele momento, evitando, assim, respostas evasivas ou estudadas.

Tal questionário contém cinco questões, distribuídas entre as variáveis pessoal e profissional. Essas variáveis refletem os seguintes dados sobre os formandos: na **pessoal**, encontram-se as informações sobre o curso, sexo, idade e o que representa o diploma do curso concluído. O objetivo desta variável foi caracterizar os formandos enquanto indivíduos

e levantar a representação social sobre o diploma do curso que eles acabaram de concluir. A **profissional**, visou caracterizá-los enquanto profissionais.

Tabuladas as respostas dos "calouros" e dos formandos, procedemos à sua análise que foi realizada em três etapas distintas. Na primeira foram analisados os dados referentes aos "calouros"; na segunda, os dos formandos e, na terceira, foram comparados os dados dos "calouros" com os dos formandos. O objetivo da comparação feita na terceira etapa foi verificar a existência ou não das tendências apontadas em algumas leituras por nós realizadas, e que foram devidamente referenciadas em nossas análises, sobre a questão do sexo e da idade na escolha do curso superior, assim como sobre a importância do diploma para os alunos de licenciatura.

Como base teórica para a análise dos dados, nos pautamos na Teoria das Representações Sociais desenvolvida por Moscovici.

Embora a maior parte de nossa análise tenha sido baseada na teoria de Moscovici, recorreremos também à de Bourdieu em alguns pontos da análise das respostas dos formandos, por entender que, para aquelas situações descritas, tal teoria nos daria maior respaldo.

Voltando à questão da teoria básica, entendemos que ela é a que melhor exprime a relação existente entre o real e a consciência na "operação pela qual a mente tem presente em si mesma uma imagem mental, uma idéia ou um conceito correspondendo a um objeto externo" (Japiassú, 1996:235), e sobre a qual trataremos no capítulo V.

CAPÍTULO V - REPRESENTAÇÕES SOCIAIS: UM TERMO DE FÁCIL COMPREENSÃO, MAS DE DIFÍCIL CONCEITUAÇÃO.

Quando nos referimos à questão da representação social, nosso interlocutor pode facilmente entender que estamos nos reportando às significações que um indivíduo atribui a um objeto ou a uma situação da realidade externa. Em outras palavras, o que um objeto ou uma situação externa significa para determinado indivíduo. Mas, ao pedirmos para esse mesmo interlocutor conceituar **representação social**, tal tarefa não se mostrará tão fácil.

Diversas são as razões desta dificuldade. Segundo Moscovici(1978), elas são de duas ordens, as quais ele classifica de históricas e não históricas. Com referência a essas últimas, afirma:

"Quanto às razões não-históricas, reduzem-se todas a uma única: a sua posição 'mista', na

encruzilhada de uma série de conceitos sociológicos e de uma série de conceitos psicológicos" (p. 41).

Moscovici postula que, para compreender representação social, devemos nos situar nessa encruzilhada e destacar "de seu glorioso passado tal conceito, de reatualizá-lo e compreender-lhe a especificidade"(p. 42).

O conceito de representação social, conforme aponta Salles(1993), foi alvo da preocupação de Durkheim, ao conceituar **Consciência Coletiva**. Esse autor considera que, tanto a vida mental individual quanto a coletiva, são constituídas por representações.

Durkheim entende que as representações individuais são fenômenos psíquicos relacionados à atividade cerebral, mas, de certa forma, independentes dessas mesmas atividades do cérebro. Já as representações coletivas referem-se a um sistema de representações geradas pela sociedade e que, de certa maneira, são externas a elas, pois constituem fenômenos sociais - crenças, práticas religiosas, regras de moral, etc.- que acabam por se impor aos indivíduos, controlando-lhes os comportamentos.

Para Durkheim, as representações coletivas não se reduzem e, nem mesmo se identificam com as individuais (aquelas

que os indivíduos têm sobre um objeto ou realidade social), apesar de emergirem das relações entre os indivíduos e a sociedade.

Ele considera que os fenômenos sociais são produções da própria sociedade, resultantes da interação (ação recíproca) entre os indivíduos, e não de seus próprios membros isoladamente. Ou seja, eles ocorrem na emergência das interações dos indivíduos, e não pela imposição de um único indivíduo.

Desse modo, as representações individuais constituem acontecimentos privados e as coletivas, produções sociais (códigos, religiões, ideologias). Tais representações coletivas são produções mentais oriundas da interação entre os indivíduos, portanto, coletivas, que independem dos indivíduos singulares, mas que determinam e controlam os seus comportamentos.

Na ótica de Moscovici, a conceituação proposta por Durkheim gera uma idéia de passividade do indivíduo diante da ordem social, não permitindo que possamos ver o homem também como um produtor da sociedade.

Moscovici entende que a representação social consiste num processo que vai além, em que o indivíduo assimila e também constrói a realidade. Ela, a representação, é um corpo de conhecimento organizado, uma atividade psíquica pela qual é

possível ler e dominar a realidade produzida coletivamente. Ou seja, é um processo compartilhado pelos indivíduos em suas múltiplas interações, as quais os integram numa rede de relações que dá sentido aos seus comportamentos.

Tal conceito, ainda segundo Moscovici, abrange três dimensões. A primeira diz respeito às informações que os indivíduos têm sobre a realidade, o que é variável em qualidade e quantidade, quer sejam elas obtidas pela experiência direta que o indivíduo tenha ou pelos meios de comunicação. Quanto à segunda dimensão, esta refere-se ao campo de representação ou imagem, que corresponde às "impressões que os objetos e as pessoas deixam em nosso cérebro"(Moscovici, 1978:47). Por último temos a atitude, que se refere à orientação geral de ordem positiva ou negativa, favorável ou desfavorável que se tem a respeito do objeto da representação.

Outros autores citados por Salles(1993), tais como Kaes, Herzlich e Ozella, entendem representação social como sendo:

"(...) uma construção do real que se dá a partir das informações que o indivíduo recebe de seus sentidos, da memória e das relações que ele mantém com outros indivíduos e grupos"(Kaes, p. 17).

"(...) é construção do real, modalidade de conhecimento e forma de pensamento social" (Herzlich, p. 17).

"(...) definiu como fenômeno mediador das relações dos indivíduos com os outros e com o mundo real, entre pensar (que é uma representação) e o fazer (uma forma de expressar representação)"(Ozella, pp.17-18).

Para esses autores, assim como para Moscovici, a representação social é vista como uma atividade mental em que o real é reorganizado e criado, não constituindo mero reflexo da realidade externa no interno, mas uma construção mental do real que não está separada da atividade simbólica do indivíduo. Ela é construída a partir do contexto social no qual o indivíduo está inserido e por experiências, conhecimentos, valores e informações transmitidos pela tradição, pelos meios de comunicação e pela educação.

Apesar de constituir uma representação pessoal, ela é produzida e partilhada coletivamente pela sociedade, pois esta determina ao indivíduo como uma situação deve ser representada.

Retomando o postulado inicial de Moscovici sobre as dificuldades na conceituação da representação social, a qual enfoca a questão da posição "mista" (existência de conceitos so-

ciológicos e psicológicos), notamos que, pelo que foi abordado até o momento, as representações se originam da "arte da conversação que abrange tão extensa e significativa parte da nossa existência cotidiana"(Sá, 1995:27).

Dessa forma, o que se vê em funcionamento é o que Moscovici denominou de **uma sociedade pensante**, a qual encerra a idéia de algo que tanto se afasta da concepção sociológica - que, em última análise, entende que os grupos e os indivíduos estão sob controle permanente da ideologia dominante - como da concepção psicológica - que concebe a mente dos indivíduos como um receptáculo de informações externas processadas e transformadas em julgamentos e opiniões. Como aponta Sá(1995), numa:

"(...)sociedade pensante, os indivíduos não são apenas processadores de informações, nem meros portadores de ideologias e crenças coletivas, mas pensadores ativos que, mediante inumeráveis episódios cotidianos de interação social, produzem e comunicam incessantemente suas próprias representações e soluções específicas para as questões que se colocam a si mesmos"(p. 28).

É óbvio que nem todos os conhecimentos gerados pela sociedade se produzem e se viabilizam pelas representações. Nesse sentido Moscovici pontua que a sociedade também deve ser

entendida como um sistema de pensamentos que comporta dois universos distintos e coexistentes: o dos pensamentos consensuais e o dos reificados.

Aos primeiros é atribuída a responsabilidade da produção das representações sociais que resultam das atividades intelectuais oriundas das interações sociais estabelecidas no dia-a-dia. Quanto aos segundos, atribui-se a eles a produção e a circulação do conhecimento científico.

Segundo Moscovici, são os pensamentos reificados que fornecem a matéria-prima para a construção das representações sociais (pensamentos consensuais²), articulando, dessa forma, esses dois universos de pensamentos.

Neste ponto, "após tantas tentativas de apreensão indutiva do fenômeno e de dimensionamento do seu espaço na sociedade" (Sá, 1995:30), um conceito de representação social fecharia e completaria as idéias expostas.

Tal conceito é encontrado em Jodelet, que considera as representações sociais como sendo "uma forma de conhecimento, socialmente elaborada e partilhada, tendo uma visão prática e concorrendo para a construção de uma realidade comum a um conjunto social" (*apud* Sá, 1995:32).

² Essa característica de consensual, contudo, não é universal, pois ela traz a marca do contexto em que foi produzida.

CAPÍTULO VI - DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS DOS "CALOUROS"

Dos "calouros" participantes desta pesquisa, 66,67% são do sexo feminino, 25% do masculino e 8,33% não responderam ao quesito.

A faixa etária dos "calouros" concentra-se no intervalo de 27 a 32 anos, com 50% de frequência, conforme demonstra a tabela 1.

Tabela 1. Idade dos "calouros" dos cursos de licenciatura

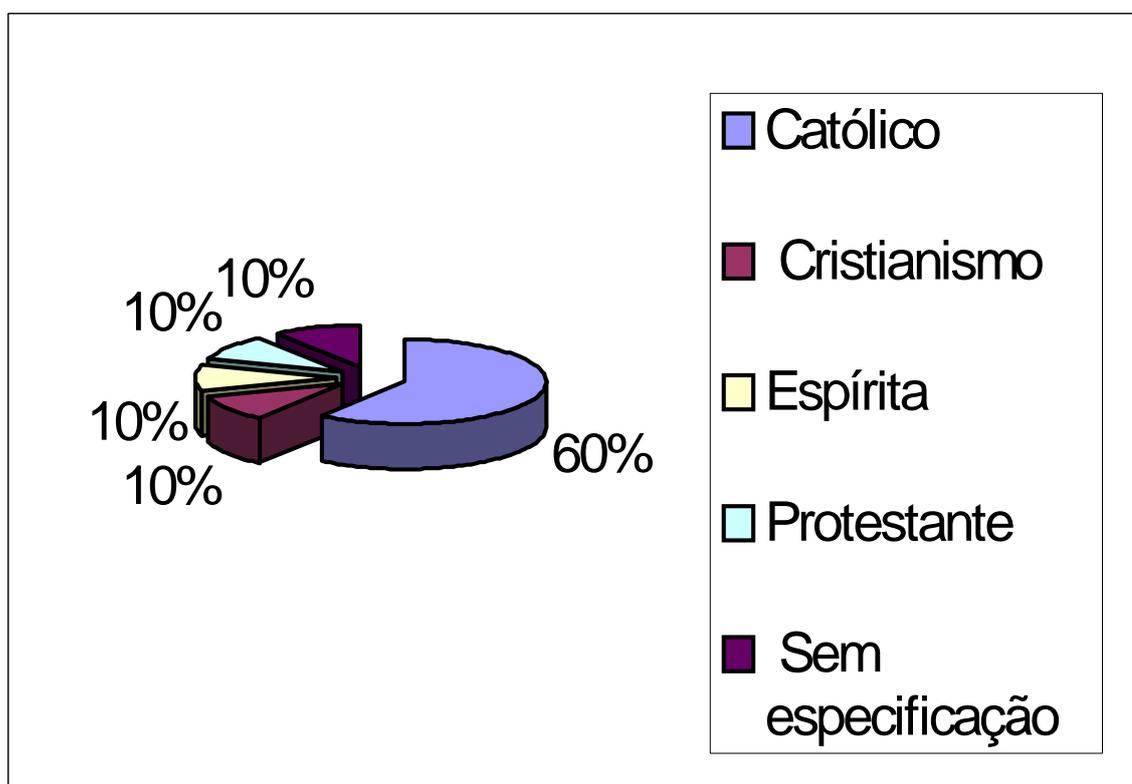
Faixa etária	f	%
17 a 22	1	8,33
22 a 27	3	25,00
27 a 32	6	50,00
32 a 37	1	8,33
37 a 42	1	8,34
Totais	12	100,00

Fonte: Questionários respondidos - out/99

Quanto ao estado civil, 58,33% declararam que são casados, contra 41,67% de solteiros, não constando nenhum divorciado ou viúvo.

Com relação à opção religiosa, dez "calouros" responderam que a têm, o que representa 83,33% do total. A religião mais apontada foi a católica com 60% de escolha, conforme consta da figura 1.

Figura 1. Opção religiosa dos "calouros" dos cursos de licenciatura.



Fonte: Questionários respondidos - out/99.

No tocante ao ensino médio, verificam-se dois empates. O primeiro é em relação à origem da escola dos "calouros";

nesta categoria, a metade advém da pública e a outra, da particular. O segundo diz respeito ao curso realizado; neste quesito, 50% dos "calouros" cursaram o ensino médio regular e os outros 50%, o técnico. Quanto a esses cursos técnicos, temos que 16,67% cursaram Contabilidade e, em igual porcentagem, Prótese Dentária. Já Magistério, assim como Patologia Clínica, foram cursados por 33,33% dos "calouros".

Perguntado aos "calouros" qual a disponibilidade de horas semanais para estudos em casa, 25% disseram ter entre 9 a 12 horas, seguidos de 16,67% para 6 a 9 horas e o mesmo valor para 15 ou mais horas. Salientamos que 16,67% não responderam à pergunta.

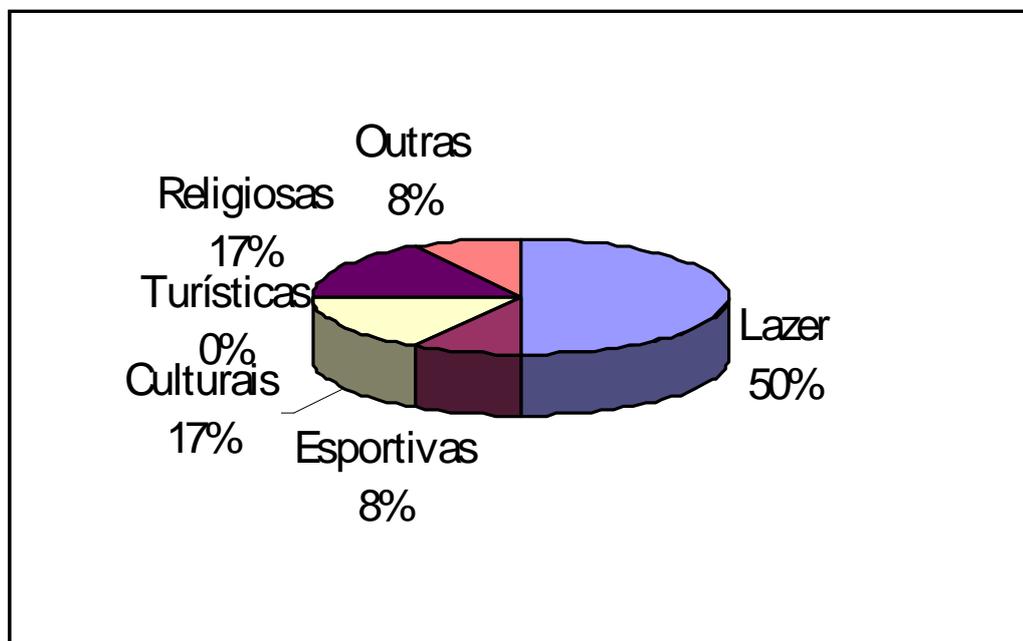
A principal fonte de informação dos "calouros" concentra-se na televisão, com 50% das preferências, seguida de jornais e revistas com 41,67%. Já em relação ao seu tempo livre, eles dedicam-se às atividades de lazer, conforme apontam 50% das escolhas. Isso fica evidenciado na tabela 2 e sua respectiva figura.

Tabela 2. Atividades realizadas pelos "calouros no seu tempo livre.

Atividades	f	%
Lazer	6	50,00
Esportivas	1	8,33
Culturais	2	16,67
Turísticas	-	-
Religiosas	2	16,67
Outras	1	8,33
Totais	12	100,00

Fonte: Questionários Respondidos - Out/99.

Figura 2. Atividades realizadas pelos "calouros" no seu tempo livre.



Fonte: Questionários respondidos - out/99.

Com referência à vida profissional, onze "calouros" disseram que exercem atividade remunerada, o que equivale a 91,67%. Em sua maioria, 54,55%, trabalham em escola; já 36,36%, no ramo de prestação de serviços e apenas 9,09%, no comércio. Os dados relativos à personalidade jurídica da empresa apontam que 63,64% são privadas, 27,27% públicas e 9,09% não especificadas. Em termos de localização, a maior concentração de empresas está na zona oeste, com 27,27%, seguida da central e outro município com 18,18% cada uma delas. O cargo ou função mais ocupado pelos "calouros" é o de Professor ou Auxiliar de ensino (54,55%), seguido do de Assistente ou Auxiliar (27,27%), e sua remuneração concentra-se na faixa compre-

endida entre R\$ 501,00 a R\$ 1.000,00 com 45,46% das respostas, conforme demonstra a tabela 3.

Tabela 3. Renda bruta do "calouro" em reais.

Faixa de renda	f	%
Até 500	2	18,18
501 a 1000	5	45,46
1001 a 1500	2	18,18
1501 a 2000	1	9,09
2001 a 2500	1	9,09
2501	-	-
Totais	11	100,00

Fonte: Questionários respondidos - out/99.

A relação entre o curso e o trabalho desenvolvido pelos "calouros" é apontada por estes como total em 54,55% dos questionários, parcial em 27,27% e inexistente em 18,83%.

No quesito moradia, 83,33% declaram residir em casa própria. Com relação à localização da residência, sua concentração ocorre na zona oeste e em outro município, ambos com 25% cada. Elas são habitadas, segundo os próprios "calouros", em 66,67% dos casos por ele e mais uma a três pessoas, bem como as moradias são mantidas parcialmente pelos calouros (66,67%), com a colaboração de mais uma a três pessoas em 75% dos casos.

A relação dos "calouros" com a Faculdade ocorre da seguinte forma: 41,67% conheceram-na por indicação de amigos e 25%, pelos anúncios de jornal. A escolha da Faculdade foi mo-

tivada, em 33,33% dos casos, pela indicação de colegas, amigos ou familiares; em 25%, pela qualidade de ensino oferecido pela Instituição e, também em 25%, por outros motivos, tais como não perder o emprego, necessidade de iniciar o curso neste ano e porque o curso se iniciaria na metade do ano. Já a escolha do curso se deve à vocação dos "calouros" em 58,33% dos questionários, seguido do desejo de ascensão profissional em 33,33% deles. Questionados quanto à importância de ter curso universitário, as respostas concentram-se, divididas igualmente em 41,67% nas categorias **"o mercado valoriza mais quem tem curso universitário"** e **"favorece a estabilidade profissional"**, assim como se encontram equilibradas as categorias **"quem tem curso universitário é mais respeitado"** e **"favorece a autonomia intelectual"** com 8,33% de escolhas em cada uma delas. As expectativas com o curso incidem em 41,66% dos "calouros" na questão do aprimoramento intelectual, em 33,33% na obtenção de rápido ingresso no mercado de trabalho, em 8,33% no ganhar autonomia financeira e em 16,67% em garantir o emprego.

Em síntese, as características gerais dos "calouros" podem ser visualizadas no quadro abaixo:

QUESITO	CARACTERÍSTICA	%
Sexo	Feminino	66,67
Idade	27 a 32 anos	50,00

continuação do quadro.....

Estado civil	Casado	58,33
Opção religiosa	Sim	83,33
Credo religioso	Católica	50,00
Conclusão do ensino médio	Escola pública	50,00
	Escola particular	50,00
Curso médio	Regular	50,00
	Técnico	50,00
Modalidade do curso técnico	Contabilidade	16,67
	Prótese dentária	16,67
	Magistério	33,33
	Patologia clínica	33,33
Disponibilidade de horas semanais para estudos	9 a 12 horas	25,00
Fonte de informações	Televisão	50,00
Utilização do tempo livre	Lazer	50,00
Atividade remunerada	Sim	91,67
Empresa em que trabalha	Escola	54,55
Origem da empresa	Privada	63,64
Local da empresa	Zona oeste	27,27
Cargo/função ocupada	Professor ou Auxiliar de ensino	54,55
Renda bruta em R\$	501 a 1000	45,45
Relação do curso com o trabalho	Total	54,55
Moradia	Própria	83,33
Localização da moradia	Zona oeste	25,00
	Outro município	25,00
Habitantes da casa além do "calouro"	1 a 3 pessoas	66,67
Manutenção da casa	Parcialmente	66,67
Quantos mais colaboram na manutenção	1 a 3 pessoas	75,00
Tomou conhecimento da faculdade	Indicação de amigos	41,67
Escolheu a faculdade	Por indicação	33,33
Escolheu o curso por	Vocação	58,33

continuação do quadro.....

Importância de ter o curso universitário	Mercado de trabalho valoriza mais quem tem curso universitário	41,67
	Favorece a estabilidade profissional	41,67
Expectativas com o curso	Aprimoramento Intelectual	41,67

Ao considerarmos as questões do último bloco do questionário, temos que elas nos fornecem a representação que os "calouros" têm sobre o diploma universitário, como já foi abordado anteriormente. Qualitativamente as respostas a essas perguntas nos indicam o seguinte:

- a) no caso da escolha do curso, esta recaiu sobre o quesito **vocação** em 58,33% dos casos; isto se justifica ao analisar os dados profissionais e de formação acadêmica. Tais dados nos apontam que 91,67% trabalham e, deste total, 54,55% estão empregados em escolas que pertencem à iniciativa privada (63,64%). Nessas escolas, os "calouros" estão exercendo atividades de docência ou de auxiliar de ensino (54,55%). Ao atentar para a formação acadêmica, os dados mostram que 50% cursaram o ensino médio profissionalizante, tendo sido o magistério sua opção em 33,33% dos casos. Em vista do que foi considerado acima, temos que os "calouros" acredi-

tam que a sua escolha, em relação ao curso, é feita segundo uma vocação que eles têm para o magistério, pois, tanto sua formação técnica como sua atuação profissional, são na área. Logo, isto só pode ocorrer em função da vocação³ que eles têm para tal;

- b) com relação à importância de ter curso universitário, as opções incidem igualmente, com 41,67%, sobre a questão de que o mercado de trabalho valoriza mais quem tem curso universitário e de que o diploma favorece a estabilidade profissional. Tal fato pode ser justificado ao atentarmos para os seguintes detalhes sobre os "calouros": grande parte deles trabalha em escolas (54,55%) e exerce atividade de docência ou similar (54,55%). Com o advento da nova Lei de Ensino (9394/96), os profissionais de educação que atuam em sala de aula, mesmo no ensino de 1ª a 4ª séries do ensino fundamental, deverão ter formação superior. Só este fato já justifica a visão que os calouros têm de que o diploma universitário favorece a estabilidade profissional, pois, caso não façam um curso superior, eles estarão automaticamente excluídos do mercado. Outro dado que vem corroborar tal afirmação é a questão da idade. Como apontam os dados, a faixa etária dos "calou-

³ Esta é entendida pelos "calouros" como sendo aptidão natural, já presente ao nascer, que eles têm para uma determinada profissão.

ros" está concentrada, em 50% dos casos, entre 27 a 32 anos, uma faixa de idade que dificulta conseguir um novo emprego, caso fiquem desempregados, ainda mais aqueles que não tenham uma formação acadêmica de nível superior, pois, como vem sendo alardeado pela mídia escrita, falada e televisiva, o desemprego tem alcançado níveis altíssimos, tornando, dessa forma, o mercado de trabalho competitivo e seletivo. Seguindo essa linha de raciocínio, este fato também justificaria a questão de que o mercado valoriza mais quem tem curso universitário. Os outros dados que confirmam que o diploma favorece a estabilidade profissional são os seguintes: 58,33% dos "calouros" são casados, contribuem de modo parcial para a manutenção financeira da casa em 66,67% dos casos e apenas dividem essa manutenção com mais uma a três pessoas, conforme denunciam 75% das respostas. Ora, caso estes "calouros" percam seus empregos, isso implicará diretamente na queda do nível socioeconômico; em função disso, a estabilidade profissional assume um papel muito importante para esses "calouros". Na questão de que o mercado valoriza mais quem tem o diploma universitário, encontramos dois outros dados que reafirmam tal escolha. Um deles se refere à principal fonte de informações dos "calouros", e o outro, à utilização do seu tempo livre. Na verdade, esses dois dados acabam se mesclando e passam a

fazer parte da mesma categoria, pois, considerando as respostas dadas pelos "calouros" temos que 50% dizem que obtêm informações sobre os acontecimentos nacionais e internacionais pela televisão e 50% utilizam seu tempo livre com atividades de lazer. Se entendermos que assistir à programação televisiva é sinônimo de **lazer**, temos então as duas situações, informação e lazer, concentradas na televisão e, sendo este veículo um dos maiores meios de comunicação, acaba, também, constituindo um grande formador de opinião, pois os conceitos e os modelos que este veículo transmite contribuem para a formação das representações sociais de seus usuários. Ao analisar a programação televisiva notamos que, por exemplo, o conceito passado por ela sobre o "**ser alguém**", implica em um indivíduo, bonito, jovem, inteligente, bom, sofredor, trabalhador e que sempre ascenderá na vida⁴. Tal modelo faz com que o usuário construa a idéia de que ele só poderá se inserir no meio social a partir do momento em que tiver uma formação, pois, desse modo, a partir da inserção, ele poderá também

⁴ Isto pode ser notado, por exemplo, no enredo das novelas em que, via de regra, sempre há duas classes sociais, ricos e pobres, que não concorrem entre si. Os ricos sempre ajudam os pobres a melhorar e à ascender a sua classe, tratando-os como iguais. No núcleo dos pobres está sempre o ator principal, ao redor do qual gira toda a trama; cumpre dizer que esse ator é bem-apessoado e sua personagem é boa, trabalhadora e sofredora, pois há sempre alguém desejando-lhe o mal e fazendo-lhe coisas ruins. Mas como sempre o bem vence o mal, tal personagem encontra, no núcleo dos ricos, alguém que o ajudará a vencer e, por fim, ele passará a fazer parte da família dos ricos, sendo aceito normalmente nesse núcleo. Toda essa situação é entendida pelos menos privilegiados socialmente como algo possível de ser alcançado, pois a bondade e a perseverança hão de levá-los a "ser alguém".

desfrutar de todas as benesses que, tanto o meio quanto o seu diploma, possam lhe oferecer;

c) no tocante às expectativas que os "calouros" têm com relação ao curso, eles afirmam que estas se referem ao aprimoramento intelectual (41,67%) e também, em 33,33% dos casos, ao rápido ingresso no mercado de trabalho. A primeira escolha é justificada pelo fato de que, para manter a estabilidade profissional (41,67%), os "calouros" voltaram a estudar ou deram prosseguimento aos seus estudos. Como o curso está totalmente relacionado com a sua área de atuação (54,55%), eles estão somente aprimorando-se intelectualmente. Já com relação à segunda escolha, ela está relacionada ao fato de que 50% dos "calouros" dizem ser oriundos de curso médio regular, ou seja, aquele que não oferece nenhuma formação específica; daí a questão da procura por uma formação profissional específica para, dessa forma, poderem ingressar rapidamente no mercado de trabalho como profissionais qualificados.

Em resumo, podemos dizer que a representação social sobre o diploma universitário, para esses "calouros" que compõem esta pesquisa, é de que o diploma constitui uma forma de ser valorizado e aceito como profissional, assim como representa

também a garantia do próprio emprego e, conseqüentemente, a própria sobrevivência, tanto física, como psicológica.

CAPÍTULO VII - DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS DOS FORMANDOS

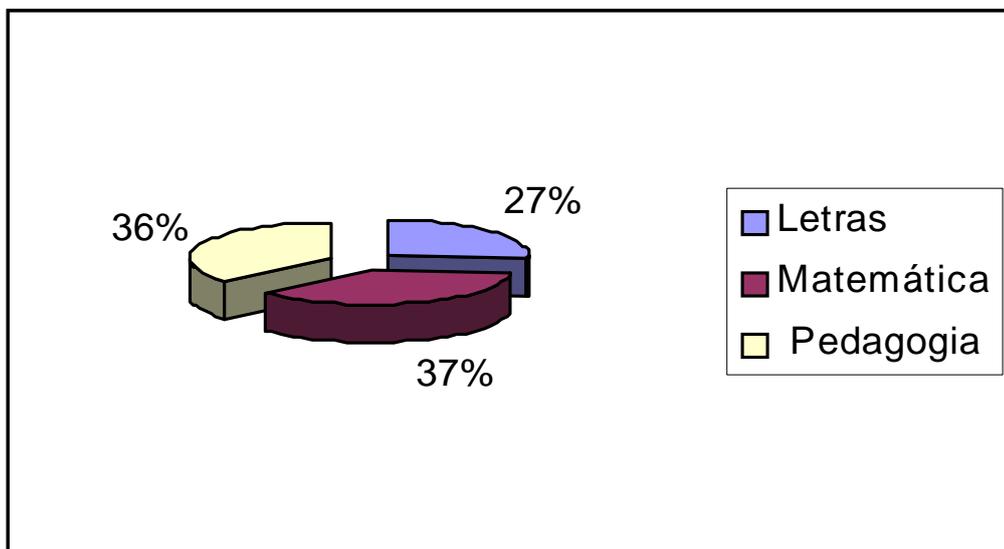
Dos formandos participantes desta pesquisa, 27,28% são do curso de letras, 36,36% do curso de matemática e, em igual porcentagem, do curso de pedagogia, conforme pode ser constatado na tabela 4 e figura de número 3.

Tabela 4. Distribuição dos formandos do 2º semestre de 1999, por curso.

Curso	%	f
Letras	27,28	3
Matemática	36,36	4
Pedagogia	36,36	4
Totais	100,00	11

Fonte: Questionários respondidos - dez/99

Figura 3. Distribuição dos formandos do 2º semestre de 1999, por curso.



Fonte: Questionários Respondidos - dez/99.

Dos formandos que responderam ao questionário proposto, 7 (sete) são do sexo feminino, o que equivale a 63,64% do total e 36,36% do sexo masculino, o que corresponde a 4 (quatro) sujeitos.

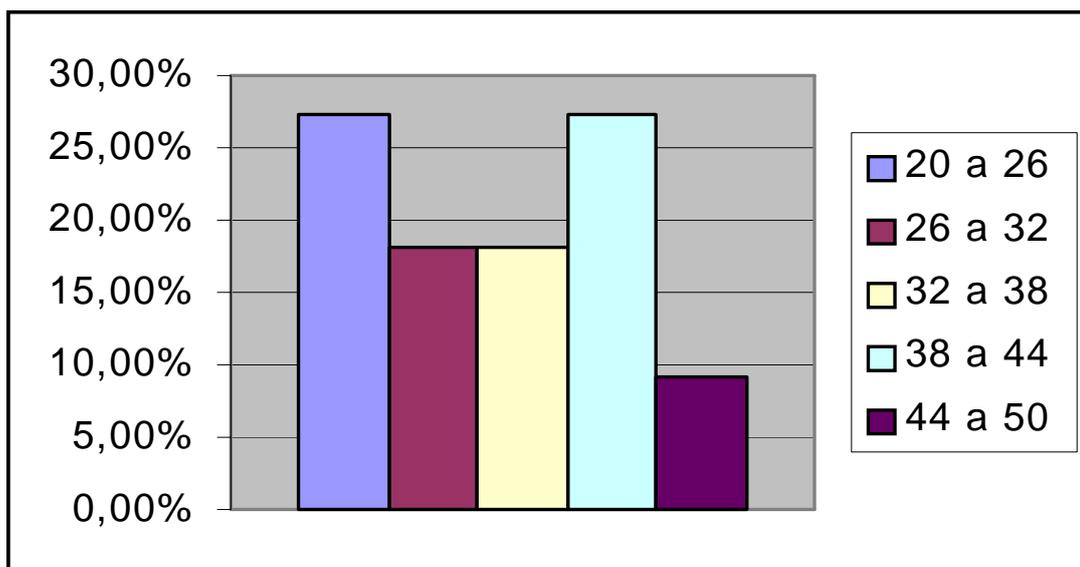
A média de idade dos formandos é de 32,6 anos, e sua faixa etária está concentrada nos intervalos de 20 a 26 e de 38 a 44 anos, com 27,27% de frequência percentual cada qual. A tabela 5 e figura 4 evidenciam tal situação.

Tabela 5. Idade dos formandos dos cursos de licenciatura do 2º semestre de 1999.

Faixa etária	%	f
20 a 26	27,27	3
26 a 32	18,18	2
32 a 38	18,18	2
38 a 44	27,27	3
44 a 50	9,10	1
Totais	100,00	11

Fonte: Questionários respondidos - dez/99

Figura 4. Idade dos formandos dos cursos de licenciatura do 2º semestre de 1999.



Fonte: Questionários Respondidos - dez/99.

Considerando cada curso isoladamente no quesito **idade dos formandos**, temos a seguinte média e a respectiva faixa etária de incidência:

CURSO	FAIXA ETÁRIA	MÉDIA DE IDADE
LETRAS	22 a 32	27,4
MATEMÁTICA	25 a 45	37,3
PEDAGOGIA	25 a 40	31,8

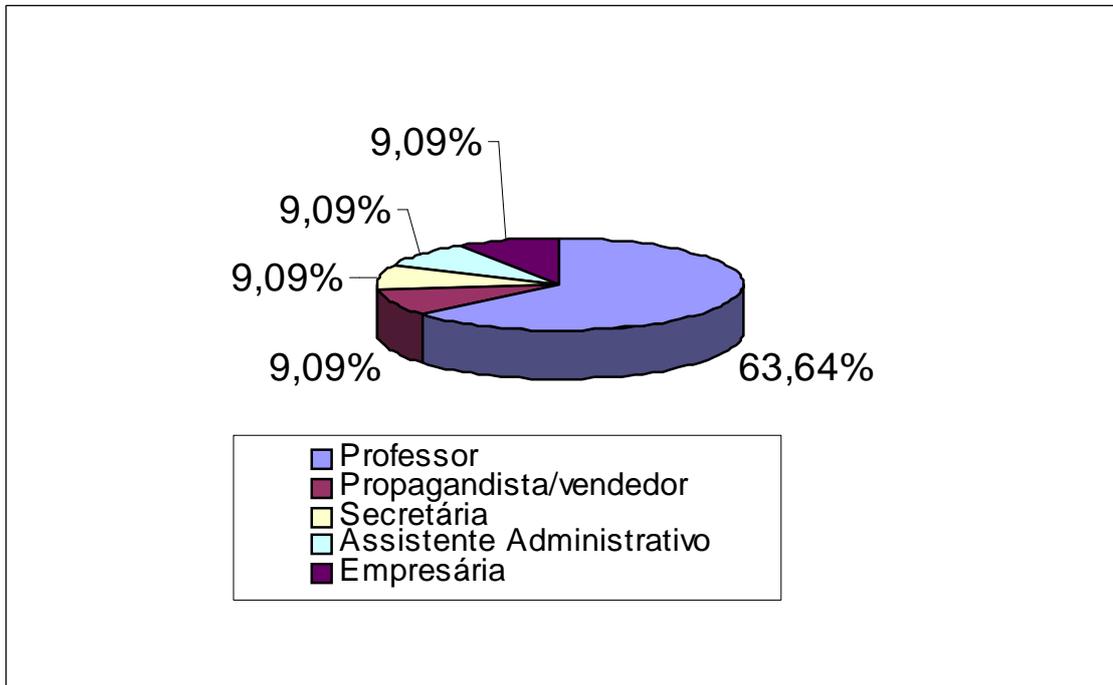
Com referência à profissão, 100,00% dos formandos em letras são professores, em matemática são 75,00% e, em pedagogia, 25%. A tabela abaixo e a figura 5 mostram que, ao considerarmos o conjunto de todos os formandos, 63,64% exercem a função de professor e os 36,36% restantes exercem as mais variadas funções, as quais não têm vinculação com o curso que acabam de concluir.

Tabela 6. Distribuição dos formandos do 2º semestre de 1999, por profissão

Profissão	%	f
Professor	63,64	7
Propag./vendedor	9,09	1
Secretária	9,09	1
Ass. Administ.	9,09	1
Empresária	9,09	1
Totais	100,00	11

Fonte: Questionários Respondidos - dez/99.

Figura 5. Distribuição dos formandos do 2º semestre de 1999, por profissão.



Fonte: Questionários Respondidos - dez/99.

Em resumo, as características dos formandos do 2º semestre de 1999 são as seguintes:

QUESITO	CARACTERÍSTICA	%
SEXO	Feminino	63,64
IDADE	Média = 32,6 anos	
	20 a 26	27,27
	38 a 44	27,27
PROFISSÃO	Professor	63,64

Quanto à questão da representação social sobre o diploma do curso que os formandos estão concluindo, as respostas dadas apontam para as categorias que serão comentadas a seguir:

- a) O diploma representa a realização de um desejo pessoal de possuir um curso superior. Essa realização se torna visível ao mundo por meio de um diploma enquanto objeto concreto, palpável e não somente como idéia. Tal visibilidade não se prende tão-somente à comprovação da profissão conferida pelo diploma em si, mas sim a uma forma de mostrar ao mundo que o indivíduo é capaz, enquanto pessoa, ou seja, o diploma, enquanto documento, é o passaporte para que todos vejam que quem o possui não é mais um indivíduo que realiza voluntariosamente um trabalho, e sim alguém capaz de realizá-lo:

(formanda em Pedagogia, 40 anos, empresária)

"Realização pessoal, comprovada e documentada, a faculdade (o curso) de pedagogia veio fortalecer a base e oferecer a segurança necessária para o desenvolver do meu trabalho, unificou a boa vontade juntamente com o conhecimento necessário para o trabalho do educador".

A visibilidade ostensiva do diploma assume dois significados contrários: valorização ou frustração. Ter o diploma em um lugar visível a todos significa mostrar que quem o possui é um indivíduo que se encontra numa categoria superior à de quem não o possui ou em situação de igualdade em relação a quem também o possui. Portanto, é um indivíduo merecedor de tratamento e consideração diferenciados ou de igualdade. Em outras palavras, aquele diploma fixado num lugar visível diz a quem o olha: **"Cuidado! Você está diante de uma pessoa importante"**. Isto é, alerta o observador de que ele está diante de alguém que tem um valor especial. Por outro lado, o diploma pode representar um alto índice de frustração. Isso quer dizer que o seu possuidor iniciou o curso com uma expectativa muito alta, esperando obter as "receitas" para atuar na profissão escolhida e deparou-se com a realidade de que elas não existem, que é o profissional por si só que criará a sua própria "receita" de atuação, pois o curso apenas fornece as pistas necessárias para a sua construção. Tal situação gera uma visão de que o diploma só serve para "adorno de parede":

(formando em Pedagogia, 29 anos, professor)

"Poderá me auxiliar e muito profissionalmente, (...), mas o principal é que terminei o curso, posso colocar meu diploma num quadro e colocar na parede".

- b) A obtenção do diploma tem uma dupla representação de conquistas pessoais. A primeira está relacionada ao objetivo de obter o diploma de um curso superior. Atingir tal objetivo tem, principalmente, por função, atender a um reclamo de ordem pessoal e não a um objetivo de profissionalização. Este último objetivo aparece como secundário, pois, detendo-nos nesta segunda representação, temos que somente após a obtenção do objetivo proposto na primeira situação é que esta abrirá o caminho para outras satisfações ainda de ordem pessoal e, por último, de ordem profissional, apesar de esta ser vista pelos formandos como principal.

Em suma, a meta pessoal atingida implica a obtenção do respeito, do *status* esperado e, por fim, a abertura de novos caminhos para outros níveis de satisfação:

(formando em Matemática, 39 anos, propagandista/vendedor)

"Primeiramente representa uma meta atingida,

como consequência, a possibilidade também de novas conquistas tanto pessoal quanto profissional principalmente”.

- c) O diploma representa o objetivo alcançado, mas que só se tornou possível com a ajuda divina, pois estava capitulado na categoria dos **“sonhos impossíveis”** para uma pessoa que se julga desprovida de capacidades para traçar objetivos e concorrer para atingi-los. As capacidades necessárias para a consecução dos planos de vida são atribuídos a uma entidade divina, e as vitórias ou derrotas do dia-a-dia são produtos de vontade alheia, limitando-se o indivíduo ao cumprimento de um papel que já lhe fora traçado - a submissão:

(formanda em Matemática, 40 anos, professora)

“Representa algo que jamais imaginei que conseguiria ter, ou seja, um curso superior. Representa um objetivo alcançado, um sonho realizado, mais um degrau que com a ajuda de Deus consegui subir”.

- d) O diploma representa não um fim em si mesmo, mas o início de uma nova etapa, a busca de novos conheci-

mentos, a motivação necessária para um maior envolvimento com a área escolhida:

(formanda em Letras, 22 anos, professora)

"(...) agora eu vejo que o diploma é `um passo de entrada´ para um campo de estudo muito superior, a minha especialização dentro da área. O diploma é minha motivação para me envolver mais com o estudo".

(formando em Letras, 28 anos, professor)

"(...) daqui pra frente espero continuar, traçar projetos, e me engajar no sistema educativo (...)".

(formanda em Pedagogia, 33 anos, assistente administrativa)

"O diploma para mim representa a possibilidade de poder fazer uma especialização em recursos humanos, que realmente é minha meta e objetivo".

- e) O diploma representa melhoria nas condições financeiras, melhor colocação profissional, ascensão profissional, mas, acima de tudo, realização pessoal:

(formanda em Matemática, 45 anos, professora)

"(...) para trabalhar numa posição melhor, ganhar mais um pouco, isto é, ser mais bem remunerada, e também para me sentir melhor na sociedade".

(formanda em Matemática, 25 anos, professora)

"Ele me proporcionará um avanço profissional (...). Com o curso que fiz poderei dar aulas desde o ensino fundamental ao ensino médio, as sim tenho mais opções de escolhas".

(formanda em Pedagogia, 25 anos, secretária)

"(...) o diploma irá me ajudar em conseguir um emprego melhor e para satisfazer um desejo pes soal".

(formando em Pedagogia, 29 anos, professor)

"Poderá me auxiliar e muito profissionalmente, pois com isso aumentar meu salário e subir na carreira (...)".

- f) O diploma confere ao portador uma posição de herói, pois uma enorme batalha foi travada e, ao seu fi-

nal, ele sagrou-se o grande vencedor. Assim como Dom Quixote, ele lutou contra os "moinhos de vento" que durante o curso foram aparecendo, isto é, lutou contra todas as adversidades: preço do curso; distância entre a Instituição, seu trabalho e sua moradia; cansaço gerado por um dia estafante de trabalho; sono das noites maldormidas ou de poucas horas de descanso; fome, por não ter tido tempo de comer ou pela quantidade de comida insuficiente; suas deficiências acadêmicas frente às exigências dos professores e, principalmente, à falta de sensibilidade dos professores que não consideraram todo o seu sacrifício. Apesar de tudo e de todos, ele é um vencedor:

(formanda em Letras, 32 anos, professora)

"Representa a vitória de uma grande batalha".

(formanda em Matemática, 45 anos, professora)

"Fiz um sacrifício enorme de fazer esse curso (...). Adorei, mas os professores não colaboraram muito (alguns sim, outros não)".

- g) O diploma representa o fim de uma situação opressiva à qual os formandos ficaram expostos durante o

curso. Apesar de o diploma representar algo que foi almejado por muito tempo, em função de toda a segurança psicológica que ele pode significar (prestígio, aceitação no grupo, auto-realização, etc.), não foi ponderado ou avaliado pelos formandos em que implicaria a freqüência a um determinado curso, principalmente quando a meta é somente a de ter um diploma e não a de abraçar uma profissão. Em última instância, só foram considerados pelos formandos os resultados que a posse do diploma representaria, e esquecidas as exigências naturais de um curso, tais como leituras, reflexões, avaliações, tarefas, etc. Desta forma, o curso acabou se tornando algo torturante e, o seu final, uma desopressão:

(formanda em Pedagogia, 25 anos, secretária)

"Um alívio em estar recebendo o diploma (...).

Alívio porque consegui terminar o curso".

- h) O diploma confere ao seu detentor o *status* de modelo. A posse do diploma eleva o seu detentor ao nível de exemplo vivo de que, com luta e abnegação, qualquer um pode chegar aonde deseja. O diploma encerra um discurso que diz: **"Olha, eu não era nada, mas lutei e venci. Se vocês lutarem como eu e da**

maneira como lutei, vocês também vão conseguir!", mas por outro lado, reduz aqueles que, apesar de toda a luta, não conseguem um diploma, à permanência em uma posição de inferioridade, em outras palavras, a perdedores:

(formando em Letras, 28 anos, professor)

"Daqui pra frente espero continuar, traçar projetos, e me engajar no sistema educativo para que em fim possa mostrar aos meus ouvintes (alunos) que eles também podem vencer na vida".

- i) O diploma é a certeza, para quem tomar conhecimento de sua existência, de que houve comprometimento, por parte do seu detentor, com o curso freqüentado, e não uma mera passagem por ele. Além disso, o diploma é a prova cabal de que o seu detentor é uma pessoa responsável, comprometida com o que se propõe fazer; enfim, uma pessoa merecedora de total confiança:

(formando em Letras, 28 anos, professor)

"O diploma (...) é uma garantia da minha dedicação durante todo o curso".

j) O diploma proporciona uma mudança na visão sobre si mesmo, assim como sobre o próprio mundo. No primeiro caso, é derrubada a idéia de que ele é a garantia de estar completa a profissionalização do seu detentor:

(formando em Letras, 22 anos, professor)

"Algo que eu esperava que me completaria, (achava que era o suficiente) que eu nunca mais estaria em sala de aula, que eu estaria realizado, etc."

No segundo caso, o diploma abre as perspectivas do detentor, fazendo-o perceber que existem outras verdades no mundo, e não somente as que ele conhecia:

(formando em Letras, 28 anos, professor)

"O diploma representa um novo mundo, uma nova visão que terei daqui pra frente (...)"

(formanda em Matemática, 45 anos, professora)

"(...) acho que um curso superior muda totalmente seu modo de enxergar a vida (...)"

Em resumo, podemos notar pelas categorias construídas a partir das respostas apresentadas que, para a maioria dos formandos, principalmente aqueles que se encontram acima dos 39 anos, que o diploma é tido e havido como um objeto do desejo, cuja posse tem por função aplacar o conflito gerado pela necessidade de "ser alguém" no mundo e para o mundo. Tal conflito psíquico é fruto das interações que o indivíduo estabelece com o meio em que está inserido, ou seja, "(...) os processos que, no essencial, determinam o conteúdo do psiquismo, desenvolvem-se não no organismo, mas fora dele, ainda que o organismo individual participe dele. (...) O fenômeno psíquico, uma vez compreendido e interpretado, é explicável exclusivamente por fatores sociais, que determinam a vida concreta de um dado indivíduo, nas condições do meio social" (Bakhtin, 1991:48).

Ainda que não tenhamos os dados referentes às condições sociais dos formandos, pois essa categoria não é nosso principal objeto de análise, mas apenas ponto de referência para a verificação da ocorrência ou não de mudanças na representação social sobre o diploma, podemos considerar, tomando por base o perfil dos "calouros" e a atividade profissional que os formandos desempenham (em sua grande maioria, a de professor), que eles advêm de um extrato de menor poder aquisitivo da população, o qual alimenta em seu imaginário que a posse de um diploma é garantia tanto de mobilidade social quanto de mobilidade psicológica. Esta última é entendida como mudança de um

estado de incapacidade intelectual para outro de capacidade que, por sua vez, gera no indivíduo um estado de segurança psíquica capaz de o levar a sentir-se como alguém dotado de valor, digno do respeito alheio, heróico, vencedor, cujas ações são modelos a serem seguidos pelos demais.

Silva (1996), em estudos sobre a questão da escolha profissional, baseando-se na teoria de Pierre Bourdieu, afirma que a representação sobre a profissão está vinculada à posição social que o indivíduo ocupa na sociedade. Em outras palavras, está vinculada à classe social do indivíduo e, evidentemente, ao modo como ela percebe as demais classes, no sentido de pertencer ou não a elas. Transpondo o que afirma Silva para os nossos dados, percebemos que tal afirmativa reforça ainda mais a nossa análise de que o diploma representa, acima de tudo, segurança psicológica. Isto porque o nosso formando, sendo oriundo de uma classe de menor poder aquisitivo, alimenta em seu ideário que, para ser "alguém" no mundo, deve estudar e obter um diploma, pois, em última análise, este funcionará como a prova cabal de que ele é "alguém diferenciado" no mundo. Com o intuito de clarificar melhor tais idéias, tomaremos por base o que preconiza Bourdieu.

A teoria desenvolvida por Bourdieu pretende subsidiar a compreensão da mediação existente entre os indivíduos, os quais ele denomina de agentes sociais, e a sociedade, bem como o estabelecimento das relações entre subjetividade e objetivi-

dade, e entre exterioridade e interioridade, ou seja, sua teoria tem por objetivo descrever como os agentes sociais constroem o seu conhecimento acerca da realidade, o internalizam e o exteriorizam. Segundo ele, a dificuldade em compreender e aceitar que os indivíduos estabelecem relações mediadas com o meio repousa na questão do método epistemológico utilizado na concepção da produção do conhecimento. Tal problemática está concentrada em dois pólos distintos e antagônicos: a fenomenologia⁵ e o objetivismo⁶. De acordo com a fenomenologia, o conhecimento do indivíduo advém de sua experiência primeira; já contrariamente a essa posição, o objetivismo diz que o conhecimento emerge das relações objetivas que estruturam as práticas individuais. Tal polêmica sobre a construção do conhecimento leva Bourdieu a propor outro gênero de conhecimento, diferente dos anteriores, que, em suma, tem por intenção articular dialeticamente o agente social e a estrutura social.

Essa abordagem foi por ele denominada de **conhecimento praxio-**

5 "Termo criado no séc. XVII pelo filósofo J. H. Lambert (1728-1777) designando o estudo puramente descritivo do fenômeno tal qual este se apresenta à nossa experiência. Corrente filosófica fundada por E. Husserl, visando estabelecer um método de fundamentação da ciência e de constituição da filosofia como ciência rigorosa. O projeto fenomenológico se define como uma 'volta às coisas mesmas', isto é, aos fenômenos, aquilo que aparece à consciência, que se dá como seu objeto intencional. O conceito de intencionalidade ocupa lugar central na fenomenologia, definindo a própria consciência como intencional, como voltada para o mundo: 'Toda consciência é consciência de alguma coisa' (Husserl). Dessa forma, a fenomenologia pretende ao mesmo tempo combater o empirismo e o psicologismo e superar a oposição tradicional entre realismo e idealismo. A fenomenologia pode ser considerada uma das principais correntes filosóficas desse século, sobretudo na Alemanha e na França, tendo influenciado fortemente o pensamento de Heidegger e o existencialismo de Sartre, e dando origem a importantes desdobramentos nas obras de autores como Merleau-Ponty e Ricouer" (Japiassú, p. 101-102).

6 " Em teoria do conhecimento e filosofia da ciência, concepção característica sobretudo do positivismo, que valoriza na relação do conhecimento o lado do objeto, em detrimento do sujeito. Oposto ao subjetivismo. Doutrina que supõe que a mente pode obter um acesso direto, pela percepção, à realidade tal qual ela é" (Japiassú, p. 199).

lógico (aquele que vem da prática habitual), o qual tem por objeto algo que vai além do sistema de relações construídas pelo conhecimento objetivo. Ele também congrega as relações dialéticas entre as estruturas objetivas e as tendências organizadas de agir de determinada forma, nas quais as estruturas objetivas se atualizam e podem se reproduzir.

Bourdieu considera que as condições objetivas de vida são interiorizadas e dão origem a um conjunto de tendências que, por sua vez, orientam as ações frente às situações vivenciadas. A essas tendências ele denominou **habitus**, ou seja, os mecanismos internalizados que subjazem ao comportamento: interiorização da exterioridade ou criação da subjetividade e da exteriorização da interioridade.

Segundo Bourdieu, o **habitus** é originário das regularidades organizadas em um sistema, que constituem as estruturas de um dado ambiente, ou seja, constituem as condições materiais de existência características de uma condição de classe. Tais estruturas podem ser apreendidas sob a forma de regularidades de um ambiente socialmente estruturado. Visto dessa forma, o **habitus** constitui um sistema de tendências duráveis que dirigem a ação; são estruturas que funcionam como estruturadoras de outras estruturas, isto é, um princípio que gera e organiza as práticas e as representações sociais; são mediadoras.

São estruturas construídas coletivamente e se tornam individuais, mas não refletem o indivíduo individual, mas sim o próprio indivíduo coletivo. Desse modo, o **habitus** é considerado tanto social como individual, uma vez que ele se refere a um grupo ou determinada classe social e também ao elemento individual, pois, no processo de interiorização, o que se interioriza é a produção coletiva.

Nesta perspectiva, o indivíduo interioriza o **habitus** de um grupo ou classe. O produto que emerge dessa interiorização, chamado de **estilo pessoal de ser** (individualidade), nada mais é do que uma convenção de regras de ação de uma época, classe ou grupo social que foram codificadas, portanto, não é algo que foi produzido individualmente, mas sim, socialmente.

Quanto à formação do **habitus de classe**, Bourdieu nos diz que ele não ocorre pela simples interação entre os membros de um grupo. Ele é formado pela interação entre o *status* que cada indivíduo ocupa na estrutura social, pois esse *status* representa o **habitus** que o indivíduo transporta com ele, em todos os lugares, o tempo todo.

Assim sendo, " (...) pode-se concluir que o sistema de identificação peculiar a cada indivíduo tende a reproduzir simbolicamente a estrutura de relações sociais próprias à classe social a que a família pertence e ainda, os deslocamen-

tos no espaço social que constituem sua trajetória social” (Silva, 1996:30).

Levando em conta as relações internas das classes sociais no tocante à profissionalização, Silva (1996) aponta que, na classe média, a interiorização das normas a esse respeito baseia-se no *status* profissional e não na propriedade geradora de capital, o que, supomos, seja o contrário na classe alta. Contrastando com essa situação, temos a classe de menor poder aquisitivo que é socializada, no sentido de obedecer às regras e normas que vêm de fora, isto é, de outra classe, e que prepara os seus membros para a execução de tarefas.

Em síntese, podemos dizer que a classe alta socializa os seus membros para a manutenção e expansão da propriedade, a média, para gerar executivos e a baixa, os executores. Tal situação, além de gerar e perpetuar a relação de dominação interclasses, mantém as relações intraclasse, pois ela seguidamente reafirma a seus membros qual é o papel que ela, enquanto classe, deve desempenhar num contexto maior.

Ponderando que os membros de uma classe transitam por outras (deslocamento no espaço social), visto que as classes estabelecem relações entre si, esses membros ficam expostos a um conjunto de valores diferentes dos da sua classe de origem. Tal exposição, inevitavelmente, faz com que sejam estabelecidas comparações entre os valores de cada classe, resultando na

formalização de uma idéia a respeito do que significa pertencer a uma outra classe e na percepção dos requisitos necessários para ascender ou não a ela.

Ocorre que, por uma questão de manutenção da própria classe, os seus valores têm visibilidade ideologizada, gerando, com isso, uma assimilação distorcida deles, ou seja, assimila-se o que é passado como verdade, pelos membros de uma dada classe, para os membros da outra classe. Neste sentido, os membros de uma classe superior desenvolvem as ações necessárias para nela permanecerem e as ações que não permitem que a classe mais baixa ascenda para a sua, assim como os membros desta última desenvolvem aquelas ações que lhes possibilitam, segundo a sua crença, ascender à superior.

Considerando tais pontos, podemos presumir que, desde o início da "(...) socialização são interiorizadas representações, modos de perceber e de agir (...), que são específicos para cada grupo ou classe social, e que tenderão, por sua vez, a orientar ou não só a aquisição de novas representações (...) bem como a percepção e reconhecimento de situações (...) e conseqüentemente às estratégias diante de tais situações e estímulos" (Silva, p. 68).

Neste sentido, comparando as classes média e a de menor poder aquisitivo na questão da escolha do curso superior, temos que a classe média escolhe uma profissão, enquanto a de

menor poder aquisitivo, um diploma, independentemente de qual profissão este diploma irá lhe conferir.

Voltando aos dados referentes aos formandos, eles apontam para a situação acima abordada, pois o diploma prioritariamente é descrito como elemento mobilizador de igualdade social. A sua posse confere ao seu detentor a possibilidade de sentir-se alguém diferenciado no seu grupo, não pelo título profissional que o diploma lhe confere, mas porque o diploma, de certa maneira, lhe atribui as características dos membros de uma classe acima da sua, apesar de ele continuar na sua classe originária. Por outro lado, é importante salientar que, em termos de posicionamento social, o diploma o exclui das duas classes: a superior não o reconhece como membro, pois não é a posse de um diploma que vai lhe conferir o acesso a ela; a inferior, por sua vez, o vê como alguém diferenciado dela, portanto não o vê mais como um de seus membros. No entanto, o valoriza como tal, para que sirva de exemplo a seus pares. Enfim, o diploma produz no seu portador uma nova estruturação, ou seja, um novo *habitus*.

Contrastando com toda essa situação, encontramos formandos, com média de idade em torno dos 30 anos, que, chegando ao final do seu curso, percebem o diploma de outra ótica: quer seja como o ponto de partida para o aprofundamento na área escolhida, quer seja como o agente do descortinamento de um novo mundo. Neste caso, o diploma, de certa forma, frustrou as ex-

pectativas iniciais dos formandos, pois, se a idéia inicial era de que ele seria o trampolim para alcançar o respeito e a aprovação do grupo, isto acaba sendo postergado, na medida em que os formandos percebem que há a necessidade de completar o que foi iniciado. Ou seja, que eles precisam aprofundar-se, especializar-se ou que eles não dominaram tudo, pois a amplitude do mundo é muito maior do que inicialmente supunham. Ao assumir esta última posição, os formandos percebem que há um caminho a ser percorrido para atingirem seu objetivo principal. De qualquer maneira, as interações estabelecidas propiciaram novas estruturações ou reestruturações por parte desses formandos, culminando na formação de novos **habitus**.

Num outro extremo, há outros formandos, com a média de idade em torno dos 33 anos, que vêem o diploma como um passaporte para a segurança econômica. A sua obtenção abrirá as portas que darão acesso a uma condição financeira diferenciada, permitindo-lhes substancial melhoria na sua qualidade de vida e na dos seus dependentes ou dos que virão a dele depender. O diploma não é visto como uma possibilidade de que tal situação venha a ocorrer, mas é a concretização da situação, pois o discurso dos formandos é sempre afirmativo: "o diploma irá (...)" ; "ele me proporcionará (...)" etc.

Na situação em tela, as interações estabelecidas reafirmaram as estruturas perceptivas - o **habitus** - pré-existentes.

Observando as faixas etárias, elas revelam que os formandos acima dos 33 anos percebem o diploma como realização pessoal, seja no sentido de angariar o respeito alheio, seja no de adquirir segurança financeira. Os formandos dessa faixa de idade, talvez pelo próprio fator da idade mais avançada, têm necessidade imediata de deixarem a sua marca, quer destacando-se financeiramente, ocupando melhores cargos ou tendo a chance de melhores empregos, quer destacando-se como pessoa, encontrando-se num patamar superior por possuir curso universitário. Como pode ser percebido, para esses formandos, o diploma concretiza a satisfação de tal necessidade.

Na faixa dos 30 anos, a situação é caracterizada por uma maior tolerância dos formandos em relação à consecução dos seus objetivos, pois o diploma é visto como o início de uma nova etapa a ser percorrida e não como o final dela.

Em suma, independentemente de o diploma ser percebido como início ou como fim de uma etapa, de ser visto como sinônimo de segurança pessoal ou emocional, o fato é que tal representação social é fruto das interações entre os indivíduos coletivos. Ou seja, entre grupos de indivíduos que criam sua própria realidade social, a qual, no entender de Moscovici, constitui a única realidade do indivíduo e, na visão de Bourdieu, constitui um conjunto de *habitus*. Independente da visão que se adote, o importante é ter claro que tal representação é

que irá nortear todas as ações, reações e interações do indivíduo no mundo e com o mundo.

CONCLUSÃO

Os dois conjuntos de dados analisados - dos "calouros" e dos formandos - acerca de sua caracterização geral, quando comparados entre si, nos permitem concluir que:

- a) A média de idade dos alunos dos cursos de licenciatura da Instituição em tela é alta. A faixa etária dos "calouros" é de 28,4 anos em média (concentração de 50,00% na faixa de 27-32 anos). Acrescentando-se o tempo gasto, em média, para a conclusão do curso (Ciências Biológicas, Letras e Pedagogia - 4 anos de duração e Matemática, 3 anos), que é de 3,8 anos, encontramos a idade média de formatura, que é de 32,2 anos, o que coincide com a média de idade denunciada pelos formandos, que é de 32,6 anos

(concentrados na faixa de 38-44 anos, segundo 27,27% das respostas apresentadas);

b) O público dos cursos de licenciatura da Instituição é essencialmente do sexo feminino. Tal tendência é comprovada considerando-se que 66,67% dos "calouros" e 63,64% dos formandos assinalam ser desse sexo;

c) Da época do ingresso nos cursos de licenciatura à sua saída, a grande maioria dos alunos se mantém no mesmo cargo ou função. Isto é comprovado pelo fato de que 54,55% dos "calouros" e 63,64% dos formandos dizem ser professores.

Em termos de caracterização geral, os dados acima confirmam o que aponta Silva (1996) sobre a composição dos cursos superiores ligados à área de educação: são cursos em que a predominância feminina encontra-se na faixa de 60% a 79% do total de alunos.

No mesmo sentido, esses dados também corroboram a afirmação de Schwartzman (1994) de que "(...) mais da metade dos estudantes de nível superior no Brasil são do sexo feminino (...)"(p. 160) e que o contingente de "(...) estudantes de 30

ou mais anos de idade é bastante alto, principalmente nos cursos noturnos”(p. 160).

Com relação à permanência no mesmo cargo ou função, no caso o de professor, desde a entrada no curso até a sua conclusão, isso mostra que os alunos não ingressaram no curso superior em busca de uma profissão, mas apenas para completar sua profissionalização na mesma área de atuação, ou seja, normalmente esses alunos são oriundos dos cursos de magistério de nível médio e buscam completar sua formação de professor em áreas específicas, tais como Português, Inglês, Ciências, Matemática, etc., para poderem lecionar não somente nas quatro primeiras séries do ensino fundamental, mas também nas demais séries dessa modalidade de ensino, assim como no ensino médio. Trata-se também de alunos que procuram o curso de Pedagogia nas habilitações “(...) como orientação educacional, supervisão escolar ou administração escolar, que são oferecidos pelas faculdades de educação, e os utilizam como instrumentos para promoções funcionais que normalmente os afastam da sala de aula, deixando as atividades de ensino para os menos motivados ou qualificados”(Schwartzman, 1994:153).

Dito de outra forma, “(...) o que eles, sim, esperam é que seu diploma possa ser útil para conseguir melhores salários e dar mais oportunidades no mercado de trabalho”(id., 1994:151).

Quanto à representação social sobre o diploma do ensino superior, os dados dos "calouros" e dos formandos demonstram que, apesar de o intervalo compreendido pelo tempo de duração do curso ser variável entre três e quatro anos, conforme a carreira escolhida, não apresentam modificações. Tanto os "calouros" como os formandos têm, praticamente, a mesma percepção sobre o diploma. Tal resultado, de certa forma, frustra toda e qualquer ação desenvolvida pela coordenação de cada curso e pelos professores individualmente, no sentido de atingir as finalidades propostas em lei para esta modalidade de ensino, principalmente, no que tange a atender ao desenvolvimento do pensamento reflexivo, como é preconizado no artigo 43, inciso I, da Lei 9394/96:

"Art.43 - A educação superior tem por finalidade:

I - estimular a criação cultural e o desenvolvimento do espírito científico e o pensamento reflexivo" (grifo nosso).

O que podemos notar é que as ações empreendidas no sentido de desenvolver o pensamento crítico nos alunos, permitindo-lhes, dessa forma, refletir sobre a ideologia reinante no seu contexto, para que, a partir dessa reflexão, possam contribuir efetivamente com a manutenção ou mudança do seu meio,

parece-nos que se mostram inócuas, pois o que percebemos é que as expectativas que esses alunos têm em relação ao diploma, quando entram no curso, são as mesmas de quando o terminam.

Essa posição arraigada que os alunos têm sobre o diploma demonstra como a ação da cultura, a qual carrega em seu bojo todas as experiências de um grupo (seus conhecimentos, costumes, instituições, etc.), desempenha um papel importante e até mesmo decisivo na formação e manutenção das representações, anulando, praticamente, outras ações que tentam promover a mudança daquelas já constituídas, pois, de acordo com que nos aponta Moscovici (1976), as representações são construídas a partir da cultura, das determinações sociais e econômicas dela decorrentes e são propagadas pela tradição, pela mídia em suas diversas formas de expressão, pela educação e pela comunicação.

Na intenção de especificar e tornar mais claras as idéias anteriormente desenvolvidas, confrontamos os resultados obtidos nos questionários e entrevistas no tocante às representações sociais sobre o diploma, e chegamos às seguintes conclusões:

- a) O motivo da escolha do cursos tem origem na mesma representação social que, tanto os "calouros" quanto os formandos possuem sobre o diploma: atender a uma necessidade que é fruto da imposição que fazem a si

mesmos, e não de uma imposição da ideologia social. Ambos percebem o curso e conseqüentemente o diploma como algo que tenha sido buscado a partir da própria vontade, desvinculado do meio social em que estão inseridos, pois esse diploma irá atender às necessidades deles, "calouros" ou formandos, e não do seu meio social.

Os "calouros" afirmam que sua motivação para a escolha do curso é resultado da vocação que eles têm para tal. Quando assim o dizem estão atribuindo a escolha à vontade interna, ou seja, querem crer que a vocação seja um atributo seu, que já estava presente neles ao nascer, portanto, tal atributo não tem origem no meio social, apenas é atendido por ser prévia e geneticamente determinado.

Os formandos, por sua vez, nos dizem que o curso representou o atendimento de um objetivo, o de possuir um diploma de nível superior. Tais palavras também encerram a idéia de que fazer tal curso visava, tão somente, atender uma vontade oriunda de um estado interno e, como ela está no plano do interno, logo, no entender desses formandos, não é passível de domínio e controle do meio externo.

O que podemos notar nesses discursos, é que, tanto vocação como atendimento de objetivos, de certa maneira, são formas análogas de interpretar a situação de escolha do curso, ou seja, o curso foi escolhido

pela ação das forças internas sobre a situação externa. Dito com outras palavras: o curso foi escolhido e concluído em função da liberdade de escolha que os indivíduos têm para escolher as coisas que satisfaçam as suas próprias necessidades.

Essa situação que persiste no ideário dos "calouros" e formandos nos demonstra o quanto são sutis as formas de controle ideológico. Os "calouros" não percebem que a vocação, da forma como eles a entendem, é um valor ideológico, principalmente quando se refere ao magistério. Tal carreira, ao longo de sua própria história, sempre foi entendida, não como profissão, mas como altruísmo e prática caritativa, tendo na figura do professor o seu principal elemento de difusão. O professor é, antes de tudo, aquele que, segundo o ideário corrente, **educa o homem do amanhã** ou **se doa aos alunos na intenção de vê-los progredir, pois eles serão o futuro da nação**. Essas idéias são difundidas em função de dois aspectos: o primeiro diz respeito ao desprestígio que a profissão vem paulatinamente sofrendo nestas últimas décadas por conta de outras prioridades ideológicas⁷; o segundo, ao fato de que, em decorrência do primeiro aspecto, o magistério só se tornou atraente para estudantes de origem social menos privilegiada. Ora, se o ma-

7 No caso, a falta de políticas sociais de valorização da educação.

gistério, por questões políticas, tende a ser desprestigiado, a única forma de atrair pessoas para o seu seio é fazê-las acreditar que têm vocação para lidar com situações que exigem abnegação, e não para outras carreiras. Considerando que o ideário das classes menos privilegiadas da sociedade é povoado por valores ligados à prática do **bom-samaritanismo**, é natural, então, que seus membros acreditem que têm vocação para a carreira do magistério em detrimento de outras.

Neste mesmo sentido temos o discurso dos formandos a respeito do objetivo por eles traçado. O que ocorre é que os formandos não se dão conta de que estão reproduzindo um conjunto de imposições sociais, ou seja, que quando traçamos determinado objetivo com a finalidade de atingir certo fim, é porque o fim a ser atingido já foi *a priori* estabelecido socialmente por um grupo. Daí entender que somos livres para traçar metas e promover escolhas não corresponde ao real, pois, sempre que o fazemos, estamos na verdade, cumprindo um papel que já estava determinado socialmente pelas classes dominantes.

Entendemos que, possivelmente, a ideologia que subjaz a estas representações sociais sobre vocação e objetivo traçado são as de que os indivíduos têm que se destacar dos demais em alguma coisa.

Se considerarmos o que já apontamos anteriormente com relação à carreira do magistério, mais precisamente, que ela congrega profissionais pouco prestigiados e está restrita às classes menos privilegiadas socialmente, temos que, nas relação de dominação entre classes sociais, a idéia de que, de alguma maneira, os indivíduos têm que se destacar dos demais, é passada contraditoriamente. As classes mais privilegiadas passam para as menos privilegiadas a idéia de que o altruísmo e a benemerência são valores próprios do indivíduo, que dignificam e distinguem os homens entre si, colocando aqueles que os possuem em categorias de destaque quando, na verdade, são valores aprendidos e os colocam em posição de submissão. Neste sentido temos a objetivação de tal representação como sendo algo que vem da própria vontade do indivíduo, transduzida em vocação e objetivo traçado;

- b) A importância de ter o curso superior, assim como no quesito anterior, é vista pelos "calouros" e formandos da mesma maneira.

Os "calouros" o entendem como uma forma de ser valorizado pelo mercado de trabalho (41,67% das escolhas) e de obter estabilidade profissional (porcentagem de escolhas igual à anterior); dessa forma,

eles vinculam as suas chances e permanência no mercado de trabalho à obtenção do diploma.

O mesmo ocorre com os formandos quando dizem que o diploma representa melhoria nas condições financeiras, na colocação e ascensão profissional, ou seja, ele é entendido como uma forma de entrada, valorização e permanência no mercado de trabalho.

Isto pode ser confirmado se atentarmos para duas situações: a primeira é referente a algumas características dos "calouros" e, a segunda, diz respeito à não mobilidade funcional apresentada, ou seja, desde a entrada no curso até a saída dele o aluno desempenha igual função profissional. Com referência ao primeiro item, temos que os nossos "calouros" declararam que são casados (58,33%), exercem atividade remunerada (91,67%), sua renda bruta está na faixa de R\$ 500,00 a R\$ 1.000,00 (54,55%) e colaboram parcialmente na manutenção da casa. Como podemos perceber, esses "calouros" têm uma necessidade premente de melhoria profissional, assim como a de garantia da manutenção de seus empregos, pois eles são elementos indispensáveis na engrenagem econômica de suas famílias. Neste caso o diploma é visto como forma de conquistar tais garantias. Primeiramente, no que diz respeito à baixa renda declarada, o diploma poderá melhorá-la por meio da valorização profissional que ele pode trazer ao "calouro". Em se-

gundo lugar, no que diz respeito à questão de serem casados e contribuírem na manutenção da casa; neste caso o diploma garantiria a estabilidade e permanência no emprego, pois, havendo desemprego, isso colocaria em risco a segurança familiar.

Já considerando o segundo item, temos que o diploma é tido como uma forma de melhoria dentro da mesma função, ou seja, ele é visto como uma forma de ascender profissionalmente na mesma carreira e, assim, conseqüentemente, obter melhorias hierárquicas e financeiras.

O que não percebem, "calouros" e formandos, é que esse valor ideológico de posse do diploma é trabalhado de forma contraditória pelas classes que detêm o poder econômico. Na mesma medida em que valorizam a formação superior, a desvalorizam. Esta situação pode ser mais bem compreendida ao observarmos alguns anúncios classificados sobre empregos, veiculados pelos jornais, tais como os dos exemplos a seguir, retirados do jornal "O Estado de São Paulo:

"Auxiliar de RH

Cursando 5º ano em Psico/recém formada, exp.

De 6 meses em RH, sexo fem. Local Alphavile

(...)⁸"

8 Caderno Ce, Domingo, 02/04/2000, p. 11.

"Concierge-Recepcionista

*Inglês fluente, 3 anos de experiência em
Hoteleria, curso superior. CV p/ (...) ⁹"*

"Moças belíssimas

*Univers. Maiores, p/ acomp. altos empres/
indust/turistas/execut(alta retirada p/dia/
noite/fins de semana), permanente, free
lance, (...) ¹⁰"*

"Moças

*Com boa apresentação, cursando faculdade,
com carro, p/contato de alto nível no setor
de construção civil. Oferecemos: treinamen-
to, ajuda de custo e comissão atraente
(...) ¹¹"*

O que podemos notar pelos anúncios é que, apesar de à primeira vista parecer que o mercado está valorizando a formação dos indivíduos, na verdade a está desvalorizando. Ao observar o primeiro anúncio, **Auxiliar de RH**, percebemos que este pede alguém forma-

9 Caderno Ce, 02/04/2000, p. 12.

10 Caderno Ce, 02/04/2000, p. 21.

11 Id., p.21.

do ou em vias de formar-se, mas que já tenha alguma experiência, ou seja, não basta estar cursando ou ter cursado uma faculdade, se a pessoa não tiver experiência na área não estará apta para desempenhar o cargo. Ocorre que, normalmente, para que alguém tenha chance de adquirir experiência em uma determinada área, é necessário estar cursando algo relativo a ela. No caso deste anúncio, nota-se que, até para quem está cursando a faculdade, é necessário já ter a experiência. Outro ponto que nos chama a atenção é o cargo oferecido: como podemos notar, é de auxiliar e não de nível médio ou executivo.

Considerando o segundo anúncio, a questão do desprestígio fica mais evidente, pois este pede curso superior, sem definir em que área, para desempenhar a função de **Concierge-Recepcionista** que, traduzido para a língua portuguesa, significa: **Porteiro-Recepcionista.**

Passando então para os dois últimos anúncios, o desprestígio da formação superior chega ao seu maior grau. Segundo esses anúncios, para desempenhar funções, até certo ponto de idoneidade duvidosa, faz-se necessário possuir ensino superior ou estar cursando-o, independentemente da área.

Quando confrontamos as idéias que os "calouros" e formandos alimentam sobre a posse de um diploma com a realidade apresentada pelo mercado de trabalho,

contida nos classificados de empregos, por exemplo, fica muito claro que eles não percebem o quanto a classe que detém o poder econômico, no discurso, valoriza o diploma como sendo algo que confere ao seu portador prestígio, ascensão profissional, financeira, hierárquica etc., mas, na sua *praxis*, banaliza-o. O resultado é que a representação que permanece é a do discurso, pois, em função das demais necessidades geradas pela classe detentora do poder para as classes dominadas, estas camuflam a contradição existente entre o discurso e a *praxis*, fazendo com que a primeira sobressaia sobre a segunda;

- c) As expectativas para com o curso, assim como nos itens anteriores, são igualmente entendidas da mesma forma pelos "calouros" e formandos. Ambos, em seus discursos, deixam claro que alimentam em seu ideário que o curso vai fornecer informações que irão aprimorar o seu intelecto.

Segundo a ótica dos "calouros", o curso vai fornecer-lhes o aprimoramento intelectual (41,67% das escolhas). Acreditamos que com isso eles se sintam mais fortalecidos, em termos de conhecimentos, para concorrer em **pé de igualdade** no mercado de trabalho. No relato dos formandos, esta mesma visão aparece quando dizem que o diploma representa uma nova eta-

pa, a porta aberta para mais aprimoramento por meio de especialização e aprofundamento na área.

Tanto "calouros" quanto formandos percebem a formação como acúmulo de conhecimentos ou informações, que visam possibilitar uma melhor colocação no mercado de trabalho. Se tomarmos por base as exigências do mercado de trabalho, isso traduz uma verdade, visto que, pelos classificados de empregos, discutidos anteriormente, verificamos que uma formação básica não é garantia de uma boa colocação, dado o grande desprestígio da formação superior neles denunciada. Então, para que obtenham melhores colocações, faz-se necessário um constante aprimoramento, ou seja, o acúmulo constante de conhecimentos.

Ocorre que os "calouros" e formandos não percebem que essa prática é uma **roda-viva**, cuja principal serventia é a manutenção e o aumento da distância entre as classes e o maior acúmulo de riquezas da classe dominante. Na verdade, à medida que são criadas novas necessidades, no caso, aumento de conhecimento, mais os indivíduos são obrigados a buscar tais conhecimentos em novos cursos e, quando essas necessidades são saciadas, criam-se outras de mesma ordem. Tal fato obriga os indivíduos, novamente, a procurar cursos para se reciclarem. Como esses indivíduos já têm internalizado que são menos capazes que os da classe superior, procuram, assim, cursos

pagos, provocando, dessa maneira, o aumento de riquezas daquela classe.

Em resumo, a partir dos dados coletados e de sua análise, podemos concluir que, para o conjunto de sujeitos pesquisados, o diploma assume um papel de extrema importância, variando entre aferição de um novo *status* social até valorização e estabilidade profissional, passando, evidentemente, pela questão vocacional e considerando o aprimoramento intelectual. Tais representações sociais partilhadas, tanto por quem está ingressando na Instituição estudada quanto pelos que dela saem, nos remetem novamente ao questionamento que levantamos no início deste capítulo, ou seja, que o planejamento dos cursos de licenciatura não está propiciando a formação de profissionais reflexivos e críticos, mas está apenas reproduzindo a ideologia dominante e as necessidades concretas instaladas na sociedade como um todo.

Esperamos que os resultados apresentados neste trabalho possam servir de subsídios para a elaboração de um projeto pedagógico comprometido com o aprofundamento da discussão das relações de dominação entre as classes sociais, para que as representações sociais que povoam o ideário dos alunos possam ser reconstruídas, pois, se a escola, como pondera o próprio Moscovici (1976), é um dos veículos de transmissão e perpetuação das representações sociais, deverá, então, ser ela também

um dos veículos de re-significação dessas mesmas representações.

BIBLIOGRAFIA

- ALBUQUERQUE**, Lynaldo C. *Universidade e realidade brasileira*, PB: Editora Universitária/UFPb, 1979.
- BAKHTIN**, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas do método sociológico na ciência da linguagem*, 2. ed. SP: Hucitec, 1981.
- BRASIL**. Leis, decretos etc. Lei n.º 9.394 de 20 de dezembro de 1996, SP: **Editora do Brasil**, 1997.
- CERVO**, A. L. & **BERVIAN**, P. A. *Metodologia científica*, 3. ed. SP: McGraw-Hill, 1983.
- CYTRYNOWICZ**, Roney (org.). *Renascença 75 anos: 1992-1977*, SP: SHBR, 1977.
- EAGLETON**, Terry. *Marx e a liberdade*, SP: UNESP, 1999, (Coleção Grandes Filósofos).
- FRANCO**, M. L. P. B. Que é análise de conteúdo, Campinas, SP: Papirus, 1994, in *Ensino médio: desafios e reflexões*, pp. 159-181.
- GUARESCHI**, P. & **JOVCHELOVITCH**, S.(orgs). *Textos em representações sociais*, 5. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.
- JAPIASSÚ**, H. & **MARCONDES**, D. *Dicionário básico de filosofia*, 3. ed. RJ: Zahar, 1996.
- LANE**, S. T. M. & **CODO**, W. *Psicologia Social: o homem em movimento*, 13. ed. 2. reimpressão, SP: Brasiliense, 1999.

- MOSCOVICI, Serge. **A representação social da psicanálise**, RJ: Zahar, 1978.
- O Estado de São Paulo, São Paulo, 02-04-2000, **Caderno de Empregos**, pp. 11; 12 e 21.
- ROMANELLI, Otaíza de O. **História da Educação no Brasil**, 8 ed., Petrópolis, RJ: Vozes, 1986.
- SÁ, Celso P. **Núcleo central das representações sociais**, Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.
- SÁ, Celso P. Representações sociais: o conceito e o estudo atual da teoria. in: SPINK, Mary J.(org.) **O conhecimento no cotidiano**: as representações sociais na perspectiva da psicologia social, SP: brasiliense,1995, pp. 19-45.
- SALLES, Leila M. F. **A representação social do adolescente e da adolescência**: uma discussão contrastante entre o genérico e o particular (um estudo em escolas públicas do Estado de São Paulo), São Paulo, Tese de Doutorado, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 1993.
- SANTOS, Maria F.S. Representação social e a relação indivíduo-sociedade. In: **Temas em Psicologia**,3: 133-142, 1994.
- SCHWARTZMAN, Simon. O futuro da educação superior no Brasil. in: PAIVA, Vanilda & WARDE, Mirian J. (orgs). **Dilemas do Ensino superior na América Latina**, Campinas, SP: Papirus,1994, pp. 143-175, (Coleção Educação e Transformação).
- SEVERINO, Antonio J. **Metodologia do trabalho científico**, 20. ed. SP: Cortez, 1996.
- SILVA, Laura B. C. **A escolha da profissão**: uma abordagem psicossocial, SP: UNIMARCO, 1996, (Série Ciência em Devir).
- TAVERNA, Carmem S. R. **Estudo do perfil de alunos egressos dos cursos de psicologia da Universidade São Marcos**: reflexões acerca da formação de psicólogos, São Paulo, Dissertação de Mestrado, Universidade São Marcos, 1997.
- THERRIEN, Angela T. S. **Trabalho docente**: uma incursão no imaginário social brasileiro, São Paulo, Tese de Doutorado, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 1996.
- VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**, SP: Martins Fontes, 1984.

ANEXOS

ANEXO A

ROTEIRO DE ENTREVISTA COM ADOLESCENTES INSERIDOS NO MERCADO DE TRABALHO

1. Quais suas tarefas?
2. Quais suas condições de trabalho?
3. Qual sua remuneração?
4. Frequenta a escola? Como é seu aproveitamento?
5. Como você se vê enquanto trabalhador, hoje, e numa perspectiva futura?
6. Qual o significado do trabalho em sua vida?

ANEXO B

ROTEIRO DE ENTREVISTA COM REPRESENTANTES DE ÓRGÃOS ENVOLVIDOS COM O SEGMENTO ADOLESCENTE

1. Como você vê o adolescente trabalhador?
2. Aponte as perspectivas do mesmo para o futuro.
3. Como você vê a proteção no trabalho para o adolescente?
4. E a profissionalização do trabalhador juvenil?
5. O que sabe sobre trabalho do adolescente?
6. Como o órgão atua nesta questão? O que faz diante do problema?

ANEXO C

PORTARIA N.º 06 , DE 05 DE FEVEREIRO DE 2001

A SECRETÁRIA DE INSPEÇÃO DO TRABALHO DIRETOR DO DEPARTAMENTO DE SEGURANÇA E SAÚDE NO TRABALHO, no uso das atribuições que lhes são conferidas pelo inciso I do artigo 405 da Consolidação das Leis do Trabalho – CLT, aprovada pelo Decreto-Lei n.º 5.452, de 1º de maio de 1943, resolvem:

Art. 1º O trabalho do menor de 18 (dezoito) anos fica proibido nas atividades constantes do Anexo I desta Portaria.

Parágrafo único. A classificação do locais ou serviços como perigosos ou insalubres decorre do princípio da proteção integral à criança e ao adolescente, não sendo extensiva aos trabalhadores maiores de 18 anos.

Art. 2º Os trabalhos técnico-administrativos são permitidos, desde que realizados fora das áreas de risco, inclusive nas atividades constantes do Anexo I.

Art. 3º Revoga-se a Portaria n.º 06, de 18 de fevereiro de 2000.

Art. 4º Esta portaria entra em vigor na data de sua publicação.

VERA OLÍMPIA GONÇALVES
Secretária de Inspeção do Trabalho
Trabalho

JUAREZ CORREIA BARROS JÚNIOR
Diretor do Departamento de Segurança e Saúde no
Trabalho

ANEXO I

Quadro descritivo dos locais e serviços considerados perigosos ou insalubres para menores de 18 (dezoito) anos

1. trabalhos de afiação de ferramentas e instrumentos metálicos em afiadora, rebolo ou esmeril, sem proteção coletiva contra partículas volantes
2. trabalhos de direção de veículos automotores e direção, operação, manutenção ou limpeza de máquinas ou equipamentos, quando motorizados e em movimento, a saber: tratores e máquinas agrícolas, máquinas de laminação, forja e de corte de metais, máquinas de padaria como misturadores e cilindros de massa, máquinas de fatiar, máquinas em trabalhos com madeira, serras circulares, serras de fita e guilhotinas, esmeris, moinhos, cortadores e misturadores, equipamentos em fábricas de papel, guindastes ou outros similares, sendo permitido o trabalho em veículos, máquinas ou equipamentos parados, quando possuírem sistema que impeça o seu acionamento acidental
3. trabalhos na construção civil ou pesada
4. trabalhos em cantarias ou no preparo de cascalho
5. trabalhos na lixa nas fábricas de chapéu ou feltro
6. trabalhos de jateamento em geral, exceto em processos enclausurados
7. trabalhos de douração, prateação, niquelação, galvanoplastia , anodização de alumínio, banhos metálicos ou com desprendimento de fumos metálicos
8. trabalhos na operação industrial de reciclagem de papel, plástico ou metal
9. trabalhos no preparo de plumas ou crinas
10. trabalhos com utilização de instrumentos ou ferramentas de uso industrial ou agrícola com riscos de perfurações e cortes, sem proteção capaz de eliminar o risco

11. trabalhos no plantio, com exceção da limpeza, nivelamento de solo e desbrote; na colheita, beneficiamento ou industrialização do fumo
12. trabalhos em fundições em geral
13. trabalhos no plantio, colheita, beneficiamento ou industrialização do sisal
14. trabalhos em tecelagem
15. trabalhos na coleta, seleção ou beneficiamento de lixo
16. trabalhos no manuseio ou aplicação de produtos químicos de uso agrícola ou veterinário, incluindo limpeza de equipamentos, descontaminação, disposição ou retorno de recipientes vazios
17. trabalhos na extração ou beneficiamento de mármore, granitos, pedras preciosas, semi-preciosas ou outros bens minerais
18. trabalhos de lavagem ou lubrificação de veículos automotores em que se utilizem solventes orgânicos ou inorgânicos, óleo diesel, desengraxantes ácidos ou básicos ou outros produtos derivados de óleos minerais
19. trabalhos com exposição a ruído contínuo ou intermitente, superiores a 80 db (a) ou a ruído de impacto
20. trabalhos com exposição a radiações ionizantes
21. trabalhos que exijam mergulho
22. trabalhos em condições hiperbáricas
23. trabalhos em atividades industriais com exposição a radiações não-ionizantes (microondas, ultravioleta ou laser)
24. trabalhos com exposição ou manuseio de arsênico e seus compostos, asbestos, benzeno, carvão mineral, fósforo e seus compostos, hidrocarbonetos ou outros compostos de carbono, metais pesados (cádmio, chumbo, cromo e mercúrio) e seus compostos, silicatos, ou substâncias cancerígenas conforme classificação da Organização Mundial de Saúde
25. trabalhos com exposição ou manuseio de ácido oxálico, nítrico, sulfúrico, bromídrico, fosfórico e pícrico
26. trabalhos com exposição ou manuseio de álcalis cáusticos
27. trabalhos com retirada, raspagem a seco ou queima de pinturas
28. trabalhos em contato com resíduos de animais deteriorados ou com glândulas, vísceras, sangue, ossos, couros, pêlos ou dejeções de animais
29. trabalhos com animais portadores de doenças infecto-contagiosas
30. trabalhos na produção, transporte, processamento, armazenamento, manuseio ou carregamento de explosivos, inflamáveis líquidos, gasosos ou liqüefeitos
31. trabalhos na fabricação de fogos de artifícios
32. trabalhos de direção e operação de máquinas ou equipamentos elétricos de grande porte, de uso industrial
33. trabalhos de manutenção e reparo de máquinas e equipamentos elétricos, quando energizados
34. trabalhos em sistemas de geração, transmissão ou distribuição de energia elétrica
35. trabalhos em escavações, subterrâneos, pedreiras garimpos ou minas em subsolo ou a céu aberto
36. trabalhos em curtumes ou industrialização do couro
37. trabalhos em matadouros ou abatedouros em geral
38. trabalhos de processamento ou empacotamento mecanizado de carnes
39. trabalhos em locais em que haja livre desprendimento de poeiras minerais
40. trabalhos em locais em que haja livre desprendimento de poeiras de cereais (arroz, milho, trigo, sorgo, centeio, aveia, cevada, feijão ou soja) e de vegetais (cana, linho, algodão ou madeira)
41. trabalhos em casas de farinha de mandioca
42. trabalhos em indústrias cerâmicas
43. trabalhos em olarias nas áreas de fornos ou com exposição à umidade excessiva
44. trabalhos na fabricação de botões ou outros artefatos de nácar, chifre ou osso
45. trabalhos em fábricas de cimento ou cal

46. trabalhos em colchoarias
47. trabalhos na fabricação de cortiças, cristais, esmaltes, estopas, gesso, louças, vidros ou vernizes
48. trabalhos em peleterias
49. trabalhos na fabricação de porcelanas ou produtos químicos
50. trabalhos na fabricação de artefatos de borracha
51. trabalhos em destilarias ou depósitos de álcool
52. trabalhos na fabricação de bebidas alcoólicas
53. trabalhos em oficinas mecânicas em que haja risco de contato com solventes orgânicos ou inorgânicos, óleo diesel, desengraxantes ácidos ou básicos ou outros produtos derivados de óleos minerais
54. trabalhos em câmaras frigoríficas
55. trabalhos no interior de resfriadores, casas de máquinas, ou junto de aquecedores, fornos ou alto-fornos
56. trabalhos em lavanderias industriais
57. trabalhos em serralherias
58. trabalhos em indústria de móveis
59. trabalhos em madeireiras, serrarias ou corte de madeira
60. trabalhos em tinturarias ou estamparias
61. trabalhos em salinas
62. trabalhos em carvoarias
63. trabalhos em esgotos
64. trabalhos em hospitais, serviços de emergências, enfermarias, ambulatórios, postos de vacinação ou outros estabelecimentos destinados ao cuidado da saúde humana em que se tenha contato direto com os pacientes ou se manuseie objetos de uso destes pacientes não previamente esterilizados
65. trabalhos em hospitais, ambulatórios ou postos de vacinação de animais, quando em contato direto com os animais
66. trabalhos em laboratórios destinados ao preparo de soro, de vacinas ou de outros produtos similares, quando em contato com animais
67. trabalhos em cemitérios
68. trabalhos em borracharias ou locais onde sejam feitos recapeamento ou recauchutagem de pneus
69. trabalhos em estábulos, cavalariças, currais, estrebarias ou pocilgas
70. trabalhos com levantamento, transporte ou descarga manual de pesos superiores a 20 quilos para o gênero masculino e superiores a 15 quilos para o gênero feminino, quando realizado raramente, ou superiores a 11 quilos para o gênero masculino e superiores a 7 quilos para o gênero feminino, quando realizado freqüentemente
71. trabalhos em espaços confinados
72. trabalhos no interior ou junto a silos de estocagem de forragem ou grãos com atmosferas tóxicas, explosivas ou com deficiência de oxigênio
73. trabalhos em alturas superiores a 2,0 (dois) metros
74. trabalhos com exposição a vibrações localizadas ou de corpo inteiro
75. trabalhos como sinalizador na aplicação aérea de produtos ou defensivos agrícolas
76. trabalhos de desmonte ou demolição de navios e embarcações em geral
77. trabalhos em porão ou convés de navio
78. trabalhos no beneficiamento da castanha de caju
79. trabalhos na colheita de cítricos
80. trabalhos em manguezais ou lamaçais
81. trabalhos no plantio, colheita, beneficiamento ou industrialização da cana-de-açúcar

ANEXO D

PORTARIA N. 43 - DE 27 DE ABRIL DE 1953 (1)

Dispõe sobre a relação de ofícios e ocupações objeto de aprendizagem

O ministro de Estado, usando da atribuição que lhe confere o art. 913 da Consolidação das Leis do Trabalho, aprovada pelo Decreto-lei n.º 5.452, de 1 de maio de 1943, e

Atendendo ao que estabelece o Decreto n.º 31.546, de 6 de outubro de 1952, que dispõe sobre o conceito de empregado aprendiz, nos termos do art. 80 e respectivo parágrafo único da referida Consolidação,

Resolve:

Art. 1º Determinar, como preceito o parágrafo único do art. 3.º do Decreto n.º 31.546, de 6 de outubro de 1952, a publicação das relações enviadas a este Ministério pelo SENAI e pelo SENAC, referentes aos ofícios e ocupações objeto de aprendizagem metódica nos seus cargos.

Art. 2º Aprovar, em face do pronunciamento do SENAI e do SENAC, como reza o art. 4º do Decreto n.º 31.546, de 6 de outubro de 1952 e segundo relação anexa:

a) os limites máximos de tempo necessários à aprendizagem metódica no próprio emprego, de que cogita o § 1º do art. 2º do pré-falado Decreto n.º 31.546;

b) a relação dos ofícios e ocupações para os quais não se torna necessária a aprendizagem metódica.

Parágrafo único. É facultado aos sindicatos de empregadores e aos de trabalhadores requererem ao ministro do Trabalho a alteração ou revisão dos limites e das relações a que aludem as alíneas “a” e “b” deste artigo, sendo que a decisão a respeito proferida, após a audiência do SENAI e SENAC, terá aplicação imediata.

Art. 3º Nenhum contrato de aprendizagem terá validade se tal condição não for previamente anotada na carteira do menor, “ex-vi” do disposto no art. 5º do Decreto n.º 31.548, de 6 de outubro de 1952.

Art. 4º É lícito ao menor submetido à aprendizagem metódica no próprio emprego, nos termos do § 1º do art. 2º do Decreto n.º 31.546, de 6 de outubro de 1952, requerer, em qualquer tempo, ao Ministério do Trabalho, por si ou seus responsáveis, exame de habilitação para o respectivo ofício ou ocupação.

§ 1º O requerimento será dirigido aos delegados regionais do Trabalho, cabendo a essas autoridades encaminhar o menor à escola mais próxima do SENAI ou do SENAC, onde será submetido ao correspondente exame.

- Redação com fundamento na Lei n.º 4.923 de 23 de dezembro de 1965 (D.O. 29-12-1965, retificada em 26-1-1966).

§ 2º Se o menor for considerado habilitado a exercer o respectivo ofício ou ocupação ser-lhe-á fornecido pelo serviço a que foi encaminhado certificado ou carta de ofício, cessando imediatamente a aprendizagem a que estava ele submetido no próprio emprego.

Rio de Janeiro, 27 de abril de 1953.

Segadas Viana

¹ Diário Oficial, 4-5.1953

SERVIÇO NACIONAL DE APRENDIZAGEM COMERCIAL - SENAC

Relação das ocupações para as quais o SENAC mantém cursos de aprendizagem metódica.

ANEXO I

1. Ralação das. Funções comerciais e respectivas ocupações que demandam formação ou aprendizagem metódica.

(Artigo 1º do Decreto-lei n.º 8.622, de 10 de janeiro de 1946 e art. 1º e 3º do Decreto n.º 31.546, de 8 de outubro de 1952).

ORDEM	CURSOS MANTIDOS PELO SENAC SEGUNDO GRUPOS COMERCIAIS	DURAÇÃO DOS CURSOS
	10 - FUNÇÃO DE VENDA	
101	Balconista	1 ano
102	Corretor	
103	Demonstrador	
104	Pracista	2 anos
	20 - FUNÇÃO DE PROPAGANDA	
201	Desenhista	2 anos
202	Propagandista	2 anos
203	Redator	2 anos
204	Vitrinista (Displayer)	2 anos
	30 - FUNÇÃO DE ESCRITÓRIO	
301	Arquivista	2 anos
302	Calxa	1 ano
303	Calculista	2 anos
304	Correntista	1 ano
305	Correspondente	2 anos
306	Datilógrafo	1 ano
307	Estenógrafo	2 anos
308	Futurista	1 ano
309	Protocollista	1 ano
	40 - FUNÇÃO DE ARMAZENAGEM	
401	Almoxarife (Estoquista)	2 anos
402	Avaliador	2 anos
403	Classificador	2 anos
404	Conferente	1 ano
405	Embarcador	2 anos
406	Expedidor	1 ano
407	Despachante	2 anos
408	Pracista	1 ano
	50 - FUNÇÃO DE TURISMO E HOSPITALIDADE	
501	Barbeiro ⁽²⁾	-
502	Barman ⁽²⁾	-
503	Cabeleireiro	-
504	Cozinheiro ⁽²⁾	-
505	Garção ⁽²⁾	2 anos
506	Guia de Turismo	2 anos
507	Interprete	2 anos
508	Recepcionista	1 ano

² Ocupações vedadas ao menor, exceto em situação escolar.

NOTA — A relação supra foi aprovada pela Portaria n.º 28, de 4 de fevereiro de 1958 (0.0. 6-2-1958).

ANEXO II

2. Relação das ocupação. que não demandam formação profissional ou aprendizagem metódica (Art. 4º, alínea "b", do Decreto n.º 31.456, de 6 de outubro de 1952).

Ocupações - Sinônimas ou semelhantes

Acondicionador	Cintador, Embarricador, Encaixotador, Enchedor, Encubador, Enfardador, Engarrafador, Enlatador, Ensacador.
Amosteiro	Amostrador
Arrumador	Empilhador
Ascensorista	Cabineiro
"Boy"	"Office-boy", Chasquil, Estafeta, Mandaleta, Mensageiro, Positivo, Próprio, Recadista
Boletineiro	-
Cartazeiro	-
Cobrador	Arrecadador, Recolhedor
Contínuo	-
Copiador	-
Embalador	-
Empacotador	Embrulhador, Pacoteiro
Endereçador	Adressografista
Entregador	Cabeceiro, Carregador, Ciclista
Envelopador	-
Identificador	Carimbador, Emplacador, Etiketista, Lacrador, Rotulador, Timbrador
Mimeografista	-
Pesador	-
Posteiro	-
Reclamista	-
Selador	-
Separador	Escolhedor, Catador
Servente	-

ANEXO III

3. Relação dos limites máximos de tempo para a aprendizagem no próprio emprego (Art. 2º, § 1º e art. 4º, alínea "a" do Decreto nº 31.546, de 6 de outubro de 1952).

Limite máximo de um ano

- | | |
|-----------------|--------------------|
| 1. Balconista; | 6. Expedidor; |
| 2. Caixa; | 7. Faturista; |
| 3. Conferente; | 8. Pracista; |
| 4. Correntista; | 9. Protocolista; |
| 5. Datilógrafo; | 10. Recepcionista. |

Limite máximo de dois anos;

1. Almoxarife;
2. Arquivista;
3. Avaliador;
4. Calculista;
5. Classificador;
6. Correspondente;
7. Demonstrador;
8. Desenhista;
9. Despachante;
10. Displays;
11. Embarcador;
12. Estenógrafo;
13. Garção;
14. Guia de Turismo;
15. Intérprete;
16. Pracista;
17. Propagandista;
18. Redator;
19. Vitralista.

RELAÇÃO DAS OCUPAÇÕES E OFÍCIOS EM CURSOS DO SENAI
(Art. 1º da Portaria Ministerial n.º 43, de 27-4-53)

Cursos mantidos pelo SENAI segundo os grupos de Indústria	Duração dos Cursos
GRUPO I — Indústria de Alimentação	
1 - Padeiro e Confeiteiro	1 ano
GRUPO II — Indústria do Vestuário	
2 - Acabador de Calçados	(10 meses integrais)
3 - Alfaiate	2 anos
4 - Alfaiate para confecção de roupas de passeio	2 anos (ou 10 meses integrais)
5 - Apontador de Calçados	5 meses
6 - Cortador de Calçados	1 ano
7 - Cortador de sola de Calçados	5 meses
8 - Costureira	2 anos
9 - Costureira de roupas brancas	1 ano
10 - Frisador de Calçados	5 meses
11 - Gigador de Calçados	5 meses
12 - Lixador de Saltos de Calçados	5 meses
13 - Montador de bicos	5 meses
14 - Montador de Calçados (Curso eclético)	(10 meses integrais)
15 - Montador de Lados de Calçados	5 meses
16 - Palmilhador de Calçados	5 meses
17 - Palmilhador de Calçados (Curso eclético)	(10 meses integrais)
18 - Pespontador de Calçados	1 ano
19 - Ponteador de Calçados	5 meses
20 - Pregador de Saltos de Calçados	5 meses
21 - Preparador de Aviamento de Calçados	5 meses
22 - Rondador de Calçados	5 meses
23 - Sapateiro	3 anos
24 - Solador de Calçados (Curso eclético)	(10 meses Integrais)
GRUPO III — Indústria da Construção e do Mobiliário	
25 - Carpinteiro	3 anos
26 - Carpinteiro de Esquadria	3 anos
27 - Carpinteiro Segeiro	3 anos
28 - Entalhador	3 anos
29 - Lustrador	3 anos
30 - Marceneiro	3 anos
31 - Pedreiro	3 anos
32 - Tapeceiro Estofador (ou Estofador)	3 anos
33 - Torneiro de Madeira	3 anos
GRUPO IV — Indústria de Fiação e Tecelagem	
34 - Tecelão de Algodão	2 anos
35 - Tecelão de Juta	1 ano
36 - Tecelão de Lã	1 ano
37 - Tecelão de Malharia	1 ano
38 - Tecelão de meias	(5 meses Integrais)
39 - Tecelão de Seda	1 ano
40 - Serzidor	2 anos
40.1- Flandeiro de algodão	2 anos
40.2- Capador de roletes	1 ano
40.3- Tecelão de fitas, algodão, elástico e galão	3 anos
40.4- Coordenador de fios	3 anos
40.5- Auxiliar de acabador calandreiro	3 anos ³
40.6- Padronista de tecelagem	3 anos ³
GRUPO IX - Indústria de Joalheria e Lapidação de Pedras Preciosas	
41 - Cinzelador	3 anos
42 - Joalheiro	2 anos

³ Estas quatro últimas categorias foram incluídas pela Portaria n.º 488, de 13 de setembro de 1963 (D.O. 26-10-1963).

Cursos mantidos pelo SENAI segundo os grupos de Indústria	Duração dos Cursos
GRUPO X — Indústrias Químicas e Farmacêuticas	
43 - Laboratorista	3 anos
GRUPO XII — Indústrias Gráficas	
44 - Compositor Manual	3 anos
45 - Encadernador	3 anos
46 - Fotógrafo de Artes Gráficas	3 anos
47 - Gravador de Clichês	3 anos
48 - Gravador de Fotelito (rapista de Fotelito)	3 anos
49 - Impressor	3 anos
50 - Impressor de Offset	3 anos
51 - Mecanotipista	3 anos
52 - Pautador	3 anos
53 - Retocador de Fotelito	3 anos
54 - Tipógrafo	3 anos
54.1- Operadores de heliografia, microfilme e fotografia	3 anos
55 - Cerâmica	2 anos
56 - Decorador Ceramista	2 anos
57 - Modelador Ceramista	2 anos
58 - Vidreiro	3 anos
GRUPO XIV — Indústria Metalúrgica, Mecânica e do Material Elétrico	
59 - Ajustador	3 anos
60 - Caldeireiro	3 anos
61 - Caldeireiro Ferreiro	3 anos
62 - Eletricista Instalador	3 anos
63 - Eletricista de Linhas	3 anos
64 - Ferreiro	3 anos
65 - Fresador	3 anos
66 - Fundidor Modelador	3 anos
67 - Latoeiro Funileiro	3 anos
68 - Mecânico de Automóveis	3 anos
69 - Mecânico Eletricista	3 anos
70 - Mecânico Ferroviário	3 anos
71 - Mecânico Geral	3 anos
72 - Mecânico de Manutenção	3 anos
73 - Mecânico de Rádio	3 anos
74 - Modelador de Fundição	3 anos
75 - Operador Mecânico Ferroviário	3 anos
76 - Serralheiro	3 anos
77 - Soldador Elétrico	2 anos
78 - Soldador Oxi-Acetilênio	2 anos
79 - Torneiro mecânico	3 anos
GRUPO XV — Transportes Marítimos e Fluviais	
80 - Carpinteiro Naval	3 anos
81 - Chapeador Naval	3 anos

**RELAÇÃO DE OCUPAÇÕES CUJA APRENDIZAGEM METÓDICA PODE SER FEITA NO
PRÓPRIO EMPREGO E SEUS LIMITES MÁXIMOS DE DURAÇÃO**

Art. 2º, alínea "a", da Portaria Ministerial n. 43, de 27 de abril de 1953

<i>Ocupações por grupos de indústria</i>	<i>Duração máxima de aprendizagem a ser efetuada em estabelecimentos industriais</i>	<i>Ocupações por grupos de indústria</i>	<i>Duração máxima de aprendizagem a ser efetuada em estabelecimentos industriais</i>
Grupo I – Indústria de Alimentação		Grupo III Indústrias da Construção e do Mobiliário	
1- Biscoiteiro	3 anos	1- Acabador de móveis	2 anos
2- Cancheador	1 ano	2- Aduleiro	1 ano
3- Charuteiro	2 anos	3- Armador de ferros	2 anos
4- Conserveiro	3 anos	4- Arqueador	2 anos
5- Cristalizador	1 ano	5- Azulejador	3 anos
6- Desnatador	1 ano	6- Banheiro	2 anos
7- Feculador	1 ano	7- Canasteiro	2 anos
8- Fiambreiro	2 anos	8- Carpinteiro de formas	3 anos
9- Macarroneiro	3 anos	9- Cilindrador	2 anos
10- Mantequeiro	1 ano	10- Colchoeiro	3 anos
11- Moinho (moleiro)	2 anos	11- Encanador	3 anos
12- Moxambeiro	1 ano	12- Escultor (modelador em barros para tirar formas em gesso)	3 anos
13- Oleicultor	3 anos	13- Estatuário	3 anos
14- Operador em acabamento de gelatina, pudins e fermentos	1 ano	14- Esteireiro	1 ano
15- Queijeiro	2 anos	15- Estucador	3 anos
16- Refinador	2 anos	16- Folheador de móveis	2 anos
17- Salgador	1 ano	17- Forneiro	3 anos
18- Sorveteiro	2 anos	18- Forrador	2 anos
19- Chaqueador	2 anos	19- Gessador	2 anos
		20- Guarnecedor	1 ano
		21- Instalador de água, gás e esgoto	3 anos
		22- Isolador	2 anos
		23- Ladrilheiro colocador	1 ano
Grupo II – Indústria do Vestuário		24- Louseiro	3 anos
1. Ajureiro	2 anos	25- Manilheiro	2 anos
2. Apropriador	2 anos	26- Maquinista de móveis	3 anos
3. Bolseiro	3 anos	27- Marcheteiro	3 anos
4. Bordador	3 anos	28- Marmorista (marmoreiro)	3 anos
5. Botoeiro	2 anos	29- Montador de móveis	3 anos
6. Chapeleiro	3 anos	30- Palheiro	2 anos
7. Confeccionador de Meias E Malhas	2 anos	31- Pinceleiro	3 anos
8. Cortador de Tecidos	2 anos	32- Prensador de móveis	2 anos
9. Espeartilheiro	2 anos	33- Tanoeiro	3 anos
10. Florista	2 anos	34- Tanqueiro (colocador)	1 ano
11. Festonador	2 anos	35- Tanqueiro (fabricante)	2 anos
12. Fulista	1 ano	36- Vimeiro	3 anos
13. Galocheiro	2 anos	37- Vassoureiro	2 anos
14. Gravateiro	2 anos		
15. Guarnecedor	1 ano	GRUPO IV – Cancelado⁵	
16. Lenceteiro	2 anos	GRUPO V – Cancelado⁵	
17. Luveiro	3 anos	GRUPO VI – Indústria de Fiação e Tecelagem	
18. Macerador	1 ano	1- Ajustador de pantógrafo	3 anos
19. Monogramista	1 ano	2- Amarrador em tecelagem geral	1 ano
20. Murceiro	2 anos	3- Arcador	1 ano
21. Penteiro	1 ano	4- Aspadeira	1 ano
22. Plissador	2 anos	5- Azeiteiro	1 ano
23. Polaineiro	1 ano	6- Binador	2 anos
24. Remendeiro	1 ano	7- Capacheiro	1 ano
25. Tamanqueiro	2 anos	8- Conicaleiro - Bobinadeiro	1 ano
26. Cortador de fichas	2 anos ⁴	9- Colcheiro	2 anos
27. Acabador de botões	2 anos		

⁴ As ocupações sob n.º 26 e 27 foram incluídas pela Portaria n.º 372, de 19 de maio de 1966.

⁵ Cancelada pela Portaria n.º 1.055, de 23 de novembro do 1964 (D.O. do 18-12-1964).

<i>Ocupações por grupos de indústria</i>	<i>Duração máxima de aprendizagem a ser efetuada em estabelecimentos industriais</i>	<i>Ocupações por grupos de indústria</i>	<i>Duração máxima de aprendizagem a ser efetuada em estabelecimentos industriais</i>
10- Crocheteiro	3 anos	Grupo VIII - Indústria de	
11- Desenhista de padrões	2 anos	Artefatos de Borracha	
12- Escapador de roletes	1 ano	1- Borracheiro	2 anos
13- Fiandeiro de algodão	2 anos	2- Capacheiro	1 ano
14- Fiandeiro de juta e outras fibras	1 ano	3- Mangueiro	3 anos
15- Fiandeiro de lã	2 anos	4- Manicobeiro	2 anos
16- Fiandeiro de linho	2 anos	Grupo IX	
17- Furador de cartão para teares jacquard	1 ano	1- Aquilatador	3 anos
18- Laboratorista	1 ano	2- Cravador	3 anos
19- Linheiro	1 ano	3- Lapidador	3 anos
20- Madrinador	2 anos	4- Ourives	3 anos
21- Manteiro	2 anos	5- Relojoeiro	3 anos
22- Massador	1 ano	Grupo X - Indústrias	
23- Mesclador	1 ano	Químicas e Farmacêuticas	
24- Moletor	2 anos	1- Cristalizador	1 ano
25- Mordentador	1 ano	2- Destilador	2 anos
26- Operador de meadeira	1 ano	3- Fosforeiro	2 anos
27- Passador	1 ano	4- Gomeiro	2 anos
28- Passamaneiro	2 anos	5- Laboratorista	2 anos ⁸
29- Pufador	2 anos	6- Passador	1 ano ⁸
30- Ramulador	1 ano	7- Cirieiro	1 ano
31- Remetedor	1 ano	Grupo XI - Indústria do	
32- Retrozeiro	1 ano	Papel e Papelão	
33- Roqueiro	1 ano	1- Cartonageiro	1 ano
34- Sedaceiro	1 ano	2- Celofanista	2 anos
35- Serigueiro	3 anos	3- Empastador	2 anos
36- Tecelão de cortinas e toalhas	2 anos	Grupo XII - Indústrias	
37- Tecelão de fibras sintéticas	2 anos	Gráficas	
38- Tecelão de filó	2 anos	1- Carimbista de Borracha	2 anos
39- Tecelão de fitas	2 anos	2- Cromista	2 anos
40- Tecelão de rendas e "laizes"	2 anos	3- Decalcador	3 anos
41- Tecelão de tear jacquard	2 anos	4- Gravador em Metal	3 anos
42- Tecelão nas máquinas raschel e kattenstubi	2 anos	5- Impressor de Serigrafia (Silk-Screen)	3 anos
43- Torcedor	1 ano	6- Litógrafo	3 anos
44- Trancador	1 ano	7- Monotipista	1 ano
45- Urdidor	1 ano	8- Recortador em Serigrafia (Silk-Screen)	1 ano
46- Costureiro de sacos	1 ano ⁶	9- Timbrador em Relevo	3 anos
47- Acabador de material de penso	2 anos ⁷	Grupo XIII - Indústrias de	
Grupo VII - Indústria de		Vidros, Cristais, Espelhos,	
Artefatos de Couro		Cerâmica de Louça e	
1- Amaciador	1 ano	Porcelana	
2- Arreeiro	2 anos	1- Abridor	3 anos
3- Cinteiro	2 anos	2- Acabador de Cerâmica	3 anos
4- Coireiro	2 anos	3- Ajustador de formas	2 anos
5- Correio	3 anos	4- Ampoleiro	2 anos
6- Lombilheiro	2 anos	5- Cortador	2 anos
7- Maleiro	3 anos	6- Colador de cabinhos de asa	2 anos
8- Marroqueiro (Marroqueiro)	2 anos		
9- Pergaminheiro	2 anos		
10- Seleiro	3 anos		

⁶ Incluída pela Portaria n.º 372, de 19 de maio de 1966

⁷ Incluída pela Portaria n.º 637, de 20 de junho de 1967 (D.O. 31-7-1967)

⁸ Incluída pela Portaria 565, de 8/6/1966 (D.O. 16/6/1966).

<i>Ocupações por grupos de indústria</i>	<i>Duração máxima de aprendiz. a ser efetuada em estab. Industriais</i>	<i>Ocupações por grupos de indústria</i>	<i>Duração máxima de aprendiz. a ser efetuada em estab. industriais</i>
7- Decorador	1 ano	28- Montador e Enrolador de Bobinas	3 anos
8- Dourador de vidros e cristais	3 anos	29- Plainador de Mesa ou Aplainador de Mesa	3 anos
9- Decalcador (de decalcomanias)	1 ano	30- Rebarbador	1 ano
10- Encaixotador (em caixas refratárias) ²⁻	1 ano	31- Talabarte	2 anos ⁹
11- Enfornador (em fornos de decorações)	1 ano	32- Lustrador de Componentes Elétricos e Eletrônicos	2 anos ⁹
12- Escolhedor	1 ano	33- Regulador de Máquinas para Fabricação de Cardas	3 anos ¹⁰
13- Estampador	3 anos	34- Revisor de Guarnições para Cardas	1 ano ¹¹
14- Fundidor de Barbotina	2 anos	35- Contador de Lançadeiras e Batêadeiras	2 anos ¹²
15- Gambista	3 anos	36- Estampador de Material Elétrico	1 ano ¹³
16- Lustrador	1 ano	37- Montador de Carburadores	1 ano
17- Manipulador de Barbotina	2 anos	38- Montador de Instrumentos Óticos	1 ano ¹⁴
18- Modelador	3 anos	Grupo XV – Indústria de Instrumentos Musicais	
19- Modelador de armações óticas	2 anos	1- Afinador de “Vozes”	3 anos
20- Modelador ceramista	3 anos	2- Colocador de “vozes”	3 anos
21- Mozaista	3 anos	3- Confeccionador de foles para acordeões	3 anos
22- Oleiro	1 ano	4- Montador de acordeões	3 anos
23- Ótico	2 anos	5- Montador de gaitas e sanfonas	2 anos
24- Retocador	1 ano	6- Violeiro	3 anos
25- Rodador	2 anos	Grupo XVI – Indústrias diversas	
26- Preparador de lentes óticas	2 anos	1- Acabador (artigos dentários)	2 anos
Grupo XIV – Indústrias metalúrgicas, mecânicas e de material elétrico		2- Agulheiro cirúrgico	3 anos
1- Ajustador de Máquinas de Rosca e Fenda	2 anos	3- Bijouteiro	2 anos
2- Bronzeador	2 anos	4- Biscuitador (artigos dentários)	2 anos
3- Bronzista	3 anos	5- Confeccionador de artefatos plásticos	2 anos
4- Capoteiro	3 anos	6- Congonheiro	2 anos
5- Chapeador de Automóveis (lanterneiros)	2 anos	7- Cortador (artigos dentários)	2 anos
6- Cilindrador	2 anos	8- Desencapelador	2 anos
7- Controlador de Peças	3 anos	9- Espinçador ou esbricador	1 ano
8- Criveiro	2 anos	10- Macerador	1 ano
9- Cunhador	3 anos	11- Protético	3 anos
10- Eletricista	3 anos	12- Seleccionador (artigos dentários)	3 anos
11- Eletricista Enrolador	2 anos	13- Rolheira	2 anos ¹⁵
12- Esmaltador	2 anos	14- Manufatureiro de embalagens de madeira	2 anos ¹⁵
13- Espingardeiro	3 anos		
14- Espineleiro	3 anos		
15- Estampador	2 anos		
16- Furador	1 ano		
17- Gaioleiro	2 anos		
18- Garfeiro	2 anos		
19- Macheiro de Fundição	2 anos		
20- Maquinista de Moldar	1 ano		
21- Marcheteiro	3 anos		
22- Mecânico de Instrumentos	3 anos		
23- Mecânico Montador	3 anos		
24- Mecânico de Motores Estacionários	3 anos		
25- Mecânico de Refrigeração	3 anos		
26- Mecânico de Tubulação	3 anos		
27- Montador de Instrumentos e Aparelhos Elétricos	3 anos		

⁹ Incluída pela Portaria n.º 616, de 14 de junho de 1967 (D.O. de 21-7-1967)

¹⁰ Incluída pela Portaria n.º 372, de 19-5-1966

¹¹ Incluídas pela Portaria n.º 734, de 19-5-1966

¹² Incluída pela Portaria n.º 623, de 6-9-1966 (D.O. 19-9-1966).

¹³ Incluída pela Portaria n.º 590, de 26 de agosto de 1966 (D.O. 5/9/1966)

¹⁴ Incluídas as categorias 37 e 38 pela Portaria n.º 615, de 14 de julho de 1967 (D.O. 21/7/67)

¹⁵ Incluída pela Portaria n.º 614, de 14 de julho de 1967 (D.O. 21/7/1967)

SOUZA, M. I. F. P. **The Youthful Work in perspective**. Bauru, 2001. 204p. Dissertação (Mestrado em Serviço Social). Faculdade de História, Direito e Serviço Social, Câmpus de Franca. Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”.

ABSTRACT

This study searches to know the exact reality of the youthful labour in front of the legal advances, as well as the many transformations occurred nowadays in the working world. The presupposition used was the ambiguity among the factual and the legal, as also the need of reversion of this reality, that will only take place within an entire collection of integrated actions in time and space, done by the different public policies. The general objective of this study is, therefore, to analyse the process of teenager introduction in the working world, contributing to the amplification of the scientific knowledge about the social question “working world and youthful labour”. In order to reach this, the determined specific objectives were: sketch the vision of the representatives of several institutions involved in the protection of children rights as regards as the work; identification of productive activities; the conditions of the work and the remuneration of the investigated teenagers; find out the school degree and the difficulties faced by the teenagers related to the School Institution; confirm if the professional insertion opportunises professional capacity. So, worker teenagers had been interviewed as well the representatives of the public institution of Bauru Town, São Paulo State, Brazil, which were connected to the question. The raised up reports show that the youthful labour, although the legal pageantry, continues on a way that needs attentions and special revisions to be able to form the citizenship of the future men, otherwise, because of the segment vulnerability, the social exclusion will have been assumed.

Key words: Working World, Adolescent, Protection in Working, Professionalisation

ANEXO 1

“QUEM É O CALOURO DA FACULDADE”

As perguntas abaixo têm por objetivo caracterizar *O CALOURO DA FACULDADE*. Não há a necessidade de se identificar. Contamos com sua sinceridade nas respostas, que deverão ser assinaladas à tinta. Gratos pela colaboração.

- Fale um pouco sobre você:

1. Seu curso é o de:
 - Administração
 - Ciências Biológicas
 - Letras
 - Matemática
 - Pedagogia
 - Secretariado

2. Você é do sexo:
 - Feminino
 - Masculino

3. Sua idade é de: _____ anos.

4. Seu estado civil é:
 - Solteiro(a)
 - Casado(a)
 - Divorciado(a)
 - Viúvo(a)
 - Outro

5. Você tem opção religiosa?
 - Não
 - Sim. Qual? _____.

6. Você **concluiu** o Ensino Médio (2º grau) em:
 - Escola pública
 - Escola particular

7. Seu curso foi:
 - Ensino Médio(2º grau) regular
 - Ensino Médio(2º grau) supletivo
 - Ensino Médio(2º grau) técnico. Qual? _____.



8. O seu tempo para estudar, fora da faculdade, é de:
_____ horas por semana.

Nas perguntas de n.º 9 e 10 assinale somente uma única alternativa.

9. Qual a sua principal fonte de informação sobre os acontecimentos nacionais e internacionais?

- Rádio
 TV
 Jornais e revistas
 Conversas com outras pessoas

10. O que você faz com **mais freqüência** com seu tempo livre?

- Atividades de lazer
 Atividades esportivas
 Atividades culturais
 Atividades turísticas
 Atividades religiosas
 Outras. Quais? _____.

11. Você exerce alguma atividade remunerada?

- Não Sim

Se você respondeu SIM na pergunta de n.º 11, responda também as perguntas de n.º 1 a 6 da próxima seção. Caso sua resposta tenha sido NÃO, vá direto para as perguntas da seção “*Fale um pouco sobre sua casa*” (página 3)

- Fale um pouco sobre o seu trabalho:

1. Você trabalha em: Escola
 Comércio
 Indústria
 Prestação de serviços

2. A empresa na qual você trabalha é: Pública Privada



3. A empresa onde você trabalha localiza-se na Zona:

- Central
- Norte
- Sul
- Leste
- Oeste
- Outro Município

4. Qual o cargo ou função que você exerce:

- Direção ou Supervisão
- Gerência ou Chefia
- Assistente ou Auxiliar
- Professor ou Auxiliar de ensino
- Outro Qual? _____.

5. Sua renda bruta pessoal é de:

- até R\$ 500,00
- de R\$ 501,00 a R\$ 1.000,00
- de R\$ 1.001,00 a R\$ 1.500,00
- de R\$ 1.501,00 a R\$ 2.000,00
- de R\$ 2.001,00 a R\$ 2.500,00
- acima de R\$ 2.501,00.

6. Você diria que a relação entre seu trabalho e seu curso é:

- Total
- Parcial
- Inexistente

- Fale um pouco sobre sua casa:

1. Sua moradia é:
- Própria
 - Alugada
 - Cedida



2. Você reside na zona: Central

Norte

Sul

Leste

Oeste

Outro Município

3. **Além de você**, quantas pessoas **mais** residem em sua casa: _____.

4. Você contribui financeiramente na manutenção de sua casa?

Não

Totalmente

Parcialmente

5. **Além de você**, quantas pessoas **mais** contribuem financeiramente para a manutenção da casa: _____.

- Fale um pouco sobre você e a faculdade:

Nas perguntas a seguir assinale uma única alternativa.

1. Como você tomou conhecimento desta Faculdade?

Indicação de amigos

Folhetos da faculdade

Jornal

Rádio

Cursinho

Outros. Quais? _____.

2. Por que você escolheu esta Faculdade?

Pela qualidade de ensino que ela oferece

Por não haver aulas às sextas-feiras

Por indicação (colegas, amigos, familiares)

Pela localização

Outros. Quais? _____.



3. Por que você escolheu este curso?

- Tradição familiar
- Vocação
- Ascensão social
- Ascensão profissional
- Ascensão econômica
- Outros. Quais? _____.

4. Para você, ter um curso universitário é importante porque:

- Quem tem curso universitário é mais respeitado
- Favorece a autonomia intelectual
- O mercado de trabalho valoriza mais quem tem curso universitário
- Favorece a estabilidade profissional
- Outros. Quais? _____.

5. Quais as suas expectativas com o curso escolhido?

- Obter rápido ingresso no mercado de trabalho
- Ganhar, em pouco tempo, autonomia financeira
- Aprimorar-me intelectualmente
- Não tenho expectativas de alcançar autonomia financeira e profissional
- Outros. Quais? _____.

U

Muito Obrigado!

ANEXO 2

“QUEM É O CALOURO DA FACULDADE”

As perguntas abaixo têm por objetivo caracterizar *O CALOURO DA FACULDADE*. Não há a necessidade de se identificar. Contamos com sua sinceridade nas respostas, que deverão ser assinaladas à tinta. Gratos pela colaboração.

- Fale um pouco sobre você:

1. Seu curso é o de: Administração
 Ciências Biológicas
 Letras
 Matemática
 Pedagogia
 Secretariado
2. Você é do sexo: Feminino Masculino
3. Sua idade é de: _____ anos.
4. Seu estado civil é: Solteiro(a)
 Casado(a)
 Divorciado(a)
 Viúvo(a)
 Outro
5. Você tem opção religiosa?
 Não Sim. Qual? _____.
6. Você **concluiu** o Ensino Médio (2º grau) em:
 Escola pública Escola particular
7. Seu curso foi: Ensino Médio(2º grau) regular
 Ensino Médio(2º grau) supletivo
 Ensino Médio(2º grau) técnico. Qual? _____
_____.



8. O seu tempo para estudar, fora da faculdade, é de: _____ horas por semana.

Nas perguntas de n.º 9 e 10 assinale somente uma única alternativa.

9. Qual a sua principal fonte de informação sobre os acontecimentos nacionais e internacionais?

- Rádio
- TV
- Jornais e revistas
- Conversas com outras pessoas

10. O que você faz com **mais freqüência** com seu tempo livre?

- Atividades de lazer
- Atividades esportivas
- Atividades culturais
- Atividades turísticas
- Atividades religiosas
- Outras. Quais? _____.

11. Você exerce alguma atividade remunerada?

- Não
- Sim

Se você respondeu SIM na pergunta de n.º 11, responda também as perguntas de n.º 1 a 6 da próxima seção. Caso sua resposta tenha sido NÃO, vá direto para as perguntas da seção “*Fale um pouco sobre sua casa*” (página 3)

- Fale um pouco sobre o seu trabalho:

1. Você trabalha em:
- Escola
 - Comércio
 - Indústria
 - Prestação de serviços

2. A empresa na qual você trabalha é: Pública Privada



3. A empresa onde você trabalha localiza-se na Zona:

- Central
- Norte
- Sul
- Leste
- Oeste
- Outro Município

4. Qual o cargo ou função que você exerce:

- Direção ou Supervisão
- Gerência ou Chefia
- Assistente ou Auxiliar
- Professor ou Auxiliar de ensino
- Outro Qual? _____.

5. Sua renda bruta pessoal é de:

- até R\$ 500,00
- de R\$ 501,00 a R\$ 1.000,00
- de R\$ 1.001,00 a R\$ 1.500,00
- de R\$ 1.501,00 a R\$ 2.000,00
- de R\$ 2.001,00 a R\$ 2.500,00
- acima de R\$ 2.501,00.

6. Você diria que a relação entre seu trabalho e seu curso é:

- Total
- Parcial
- Inexistente

- Fale um pouco sobre sua casa:

1. Sua moradia é:
- Própria
 - Alugada
 - Cedida



2. Você reside na zona: Central

Norte

Sul

Leste

Oeste

Outro Município

3. **Além de você**, quantas pessoas **mais** residem em sua casa: _____.

4. Você contribui financeiramente na manutenção de sua casa?

Não

Totalmente

Parcialmente

5. **Além de você**, quantas pessoas **mais** contribuem financeiramente para a manutenção da casa: _____.

- Fale um pouco sobre você e a faculdade:

Nas perguntas a seguir assinale uma única alternativa.

1. Como você tomou conhecimento desta Faculdade?

Indicação de amigos

Folhetos da faculdade

Jornal

Rádio

Cursinho

Outros. Quais? _____.

2. Por que você escolheu esta Faculdade?

Pela qualidade de ensino que ela oferece

Por não haver aulas às sextas-feiras

Por indicação (colegas, amigos, familiares)

Pela localização

Outros. Quais? _____.



3. Por que você escolheu este curso?

- Tradição familiar
- Vocação
- Ascensão social
- Ascensão profissional
- Ascensão econômica
- Outros. Quais? _____.

4. Para você, ter um curso universitário é importante porque:

- Quem tem curso universitário é mais respeitado
- Favorece a autonomia intelectual
- O mercado de trabalho valoriza mais quem tem curso universitário
- Favorece a estabilidade profissional
- Outros. Quais? _____.

5. Quais as suas expectativas com o curso escolhido?

- Obter rápido ingresso no mercado de trabalho
- Ganhar, em pouco tempo, autonomia financeira
- Aprimorar-me intelectualmente
- Não tenho expectativas de alcançar autonomia financeira e profissional
- Outros. Quais? _____.

U

Muito Obrigado!

